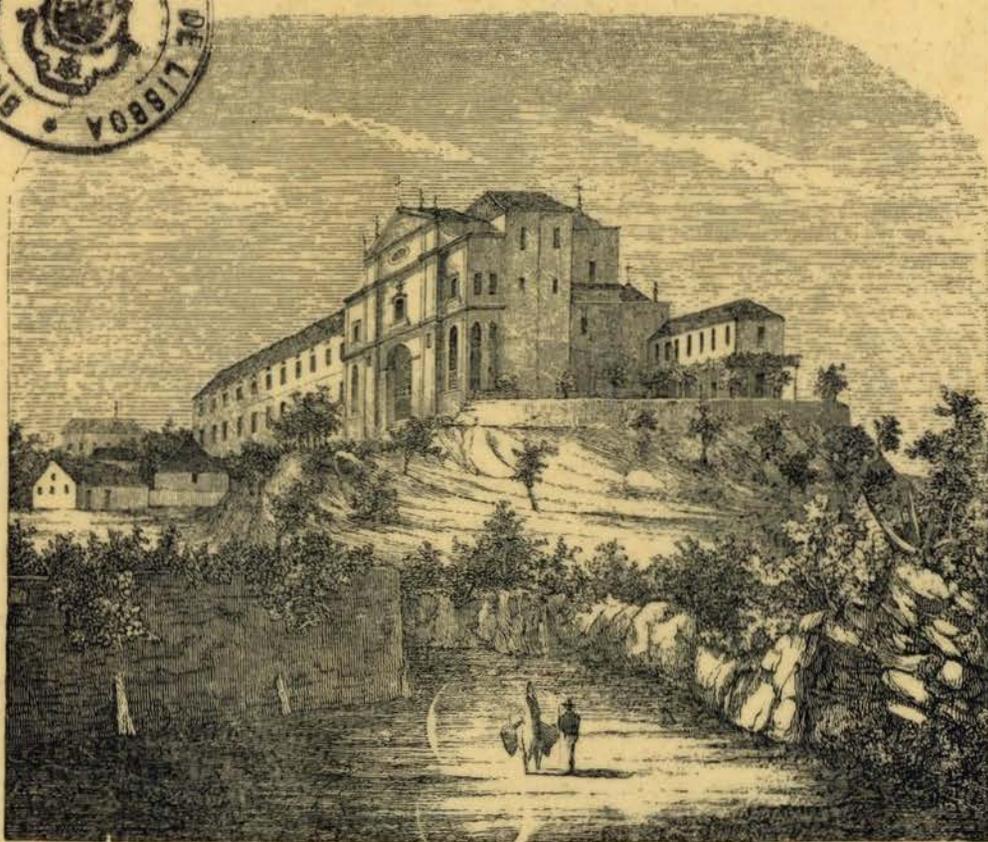


OLISIPO

Boletim Trimestral do

GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"



Ano XXI
N.º 82



ABRIL
1958



NUMA CASA MODERNA, NÃO SE CONCEBE UMA INSTALAÇÃO ANTIQUADA, INSUFICIENTE.

Os peixes das profundezas do mar não vêm. Mas à superfície da terra, a vida exige luz, mais luz.

CONSULTE A

COMISSÃO LUMINOTÉCNICA PORTUGUESA
RUA NOVA DO ALMADA, 102—TELEF. 23997

C. IAS R. DAS GAS E ELECTRICIDADE
LISBOA

OFICINAS
GRAFICAS

Ramos, Afonso & Moita

L I M I T A D A

Composição manual e mecânica. Impressão rápida. Encadernação
Livros, Revistas, Magazines, Impressos comerciais e burocráticos
Livraria. Papelaria

R. Voz do Operário, 8 a 16

LISBOA

S. Vicente de Fora

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

S. A. R. L.

Capital Realizado Esc. 200.000.000\$00

Reservas Esc. 110.000.000\$00

RUA DO COMÉRCIO, 95 A 119

LISBOA

Filiais - Porto, Coimbra, Braga, Covilhã, Faro, Guimarães e Ponta Delgada.

Agências - Abrantes, Alferrarede, Anadia, Castelo Branco, Espinho, Estoril, Figueiró dos Vinhos, Gouveia, Guarda, Leiria, Mangualde, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Olhão, São João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Vila Franca de Xira.

Dependências urbanas:

LISBOA - Alcântara, Almirante Reis, Belém, Benfica, Camões, Campolide, Conde Barão, Graça, Poço do Bispo, Praça do Brasil, Praça do Chile, Praça Duque Saldanha e Praça de Londres.

PORTO - Carvalhinho, Costa Cabral e Matosinhos.

T O D A S A S O P E R A Ç Õ E S B A N C Á R I A S

GAIVOTAS, LDA.

FÁBRICA DE VIDROS E CRISTAIS

Fundada em 1811

Telefs. 663177/78

Especializada em todo o género de vidraria para iluminação, frascaria para perfumaria e laboratórios e artigos domésticos

À alta qualidade do seu fabrico corresponde a preferência dada aos seus produtos por uma vasta Clientela da Metrópole, Ultramar e Estrangeiro

Fábrica: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

Escritório: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 20-C 1.º

Casa de venda ao público: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

LISBOA

BERTRAND (IRMÃOS), LDA.

Artes Gráficas

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ROTOGRAVURA
"OFFSET" - DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7

Telef. 21368 - 21227 - 30054 — LISBOA

Angelo G. Ramalheira

ENGENHEIRO CIVIL

Construções

Projectos de Estabilidade

Betão Armado

Avenida Sidónio Pais, 14, r/c.-E. — Tel. 493 13

LISBOA

Praça D. Filipa de Lencastre, 22, 6.º — Tel. 262 51

PORTO

« PEREGRINAÇÕES EM LISBOA »

a afamada obra do saudoso escritor

NORBERTO DE ARAÚJO

com ilustrações de Martins Barata. 15 tomos a 12\$00 cada um.

Encadernada, em 3 volumes, em percalina 350\$00, em pele 500\$00

Edição de

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

LISBOA

E. Pinto Basto & C.^a, Lda.

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

CARVÃO

SEGUROS

REPRESENTAÇÕES

(Industriais, etc.)

FOLHA DE FLANDRES E AÇOS

EXPORTAÇÕES

IMPORTAÇÕES

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.^a, Lda.

**FÁBRICA DE LOIÇA
DE SACAVÉM (S. A. R. L.)**

1850

TELEFONES P. P. C.:

2 4958 - 2 3902 - 3 5941 - 3 67276 - 3 68244

Faianças de Fantasia e de uso doméstico . Loiça Sanitária e de Grés Cerâmico . Azulejos . Mosaicos

A mais perfeita Fabricação

LISBOA - Av. da Liberdade, 49/57

PORTO - Rua dos Carmelitas, 40
Telef. 2 20 33

COIMBRA - Rua Dr. Rodrigues, 13
Telef. 2 35 44

COMPRAMOS

LIVROS DE BONS

AUTORES

—
Grandes e pequenas
quantidades
—

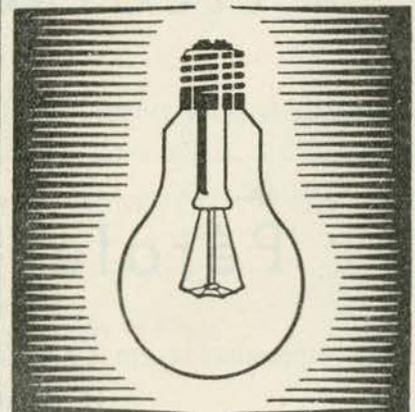
LIVRARIA «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58

Telef. 2 8663

LISBOA

LUMIAR



A MELHOR

Porcelanas da
VISTA ALEGRE

. . . apreciadas pelos Lisboetas de bom gosto há mais de



UM SÉCULO

Largo do Chiado, 18 • Rua Ivens, 19 • LISBOA



O novo frigorífico

ELECTROLUX

Mod. L — 76 de Luxo



Funcionando a

**ELECTRICIDADE
PETRÓLEO
ou
GASCIDLA**

10 Anos de Garantia

ELECTROLUX, LDA.

L I S B O A

R. Pascoal de Melo, 7 — Tel. 5 6115 • R. 1.º de Dezembro, 120-B — Tel. 28246

Pérola do Rossio

Limitada

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas

para

Todo o País e Estrangeiro

Rossio, 105 • Lisboa • Telef. 20744

Oferta

27. JUL 1983

M.

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXI

ABRIL 1958

NÚMERO 82

Director: MATOS SEQUEIRA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 2 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16

Direcção gráfica de Luís Moita



SUMÁRIO

| | Pág. |
|--|------|
| BREVES NOTAS SOBRE A HISTÓRIA E A VIDA DO BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS pelo Comandante, <i>Tenente-Coronel Luís Ribeiro Viana</i> | 67 |
| O PALÁCIO DO MANTEIGUEIRO por <i>Mário Costa</i> | 77 |
| ACTIVIDADE CULTURAL no trimestre passado | 110 |
| ASSEMBLEIA GERAL DE 1958 | |
| <i>Relatório da Junta Directiva</i> | 113 |
| <i>Parecer da Comissão de Contas</i> | 117 |
| NOVOS CORPOS GERENTES PARA O TRIÊNIO DE 1958/1961 | 118 |
| LIVROS, edições do Grupo e dos Sócios | |
| CAPA: Igreja e Convento de Nossa Senhora da Penha de França | |

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

OLIMPIC

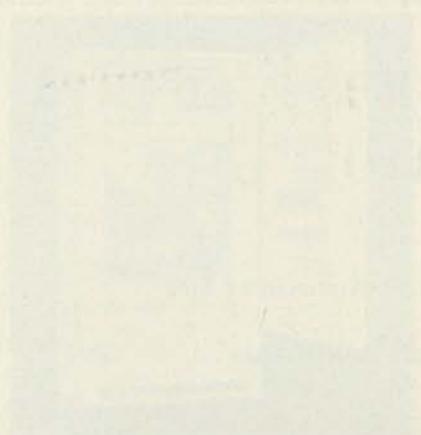
WALL TO WALL

... ..



OLIMPIC

... ..



ELECTRONIC

... ..



PEROLA DO ROSARIO

... ..

Pérola do Rosário

... ..

... ..

Breves Notas sobre a História e a Vida do Batalhão de Sapadores Bombeiros^(*)

pelo Tenente-Coronel LUÍS RIBEIRO VIANA

A visita dos «Amigos de Lisboa» ao quartel sede do Comando do Batalhão de Sapadores Bombeiros de Lisboa, na Avenida de D. Carlos I, constitui tradição que periodicamente se vai cumprindo, com muita honra para a unidade, que vê essa visita com enorme satisfação, dado o interesse que traduz pelo serviço de incêndios da nossa querida capital. É, creio eu, esta a 3.^a visita e cuido que quem tenha tido a paciência de fazer as duas anteriores e que nos honre pela 3.^a vez, irá encontrar profundas modificações e grandes melhoramentos que mostram o carinho que, à Ex.^{ma} Câmara, têm merecido os seus bombeiros.

A ideia de, em poucas palavras, dar a V. Ex.^{as} alguns elementos sobre a história do edifício que vão visitar, do serviço que ele simboliza, como aquartelamento sede do Comando, e ainda a indicação sumária do material moderno em uso, partiu do Ex.^{mo} Vereador, Sr. Dr. Eduardo Neves, que me indicou, para dar a tão ilustre assistência, satisfação a essa ideia. É esta a razão de ser da minha presença aqui, para pronunciar a resumidíssima palestra que vai seguir-se.

(*) Palestra proferida pelo Autor — Comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros, na Sede do Grupo «Amigos de Lisboa», em 14 de Dezembro de 1957.

Todos V. Ex.^{as} não ignoram por certo que no local onde hoje está o quartel do Comando do B. S. B., houve outrora o Mosteiro da Esperança. No princípio do século XVI havia no local uma quinta chamada «Sizana». E foi D. Isabel de Mendanha, que mandou edificar, nessa quinta, um mosteiro destinado a senhoras nobres e dedicado à Virgem da Piedade, a que deu o nome de «Nossa Senhora da Piedade da Boa Vista», pois «Boa Vista» se chamava pròpriamente o local em questão. Foi depois criada, uma irmandade de pilotos e mestres (o sítio foi sempre de mareantes), com o título de Nossa Senhora da Esperança e do velho mosteiro, e da respectiva irmandade apenas resta a parte do edifício da Igreja, onde, reza a tradição, pregou o Padre António Vieira em 1669, o seu sermão sobre o Sacramento da Eucaristia. A igreja foi cortada pela rua que a Câmara em 1881, deliberou traçar, para ligar o Aterro com as Cortes, rua que de início se pensou chamar do Duque da Terceira, e que afinal veio a ter como nome Rua de D. Carlos, e que se inaugurou em 28 de Dezembro de 1889, no dia da aclamação daquele nosso desditoso Rei. A antiga igreja, após a construção da rua, serviu primeiro de cavalaria, e depois de posto de bombeiros, com o nome de Estação n.º 1, origem que foi do actual quartel 1, que tem o nome de «Caserna Augusto Ferreira».

Na visita poderão ainda V. Ex.^{as} ver, no Largo da Esperança, o chafariz da Esperança, hoje considerado monumento nacional, projecto do engenheiro militar e architecto Carlos Mardel.

Os elementos que refiro foram recolhidos da descrição histórica da margem do Tejo, da Madre de Deus até Santos-o-Velho, a que Júlio Castilho deu o nome de «A Ribeira de Lisboa». Lá encontrarão V. Ex.^{as} ampla e pormenorizada matéria de muito interesse, sobre o assunto.

Da parte que se segue foram fonte informadora os arquivos do Batalhão e a história dos Bombeiros Municipais que Amadeu César da Silva está publicando no «Boletim da Liga dos Bombeiros».

Como dos terrenos do antigo recolhimento surgiu o actual quartel? Em 1889 tomou posse do cargo de Inspector-Geral, designação que se dava ao Comandante dos Bombeiros desde 1794, o Capitão de Engenharia Augusto Gomes Ferreira. Foi este engenheiro o autor do projecto da construção do novo aquartelamento, obra de grande vulto para o tempo, com a agravante de implicar largo movimento de terras. A encosta da colina onde estava instalado o mosteiro vinha desde o alto do Quelhas até à Rua de D. Carlos, descendo mais, como pode ver-se ainda hoje, para o lado nascente desta rua. O desnível teve que ser vencido por socalcos e as

terras suportadas por dois altos muros de suporte, o primeiro ao nível da rua e outro ao nível da actual parada de instrução, tendo sido notável o volume de terras saído por escavação da colina. No corpo central do edifício foram instaladas as residências do Inspector e de alguns chefes, a central telefónica e dependências, aliás muito reduzidas, para secretaria e gabinetes.

No corpo Sul onde se deu largo aproveitamento ao material das demolições do convento, designadamente no que se refere às cantarias do claustro e azulejos, foram instalados depósitos de material no 1.º andar e oficinas no rés-do-chão. No corpo Norte ficou sem obediência à traça geral do projecto, certamente por falta de verba, um barracão com três corpos destinados, no rés-do-chão a parque de material e cavalariças e, no 1.º andar, em que era esconso o corpo central, a caserna dos aquartelados. Este barracão, hoje transformado e aumentado com dois andares de casernas amplas e arejadas, ainda estava no estado primitivo quando em 1938 vim para os bombeiros. Das fotografias do tempo apenas se nota a diferença existente no modelo dos portões, que inicialmente eram de guilhotina.

Contava-me o chefe Hermínio, já falecido, pessoa, ao tempo, célebre pois fora ferrador na tropa altamente especializado nas cavaladuras de maior nomeada, que as muares, das quais citava saudosamente o nome, ao ouvirem vibrar a campainha dos alarmes, que distinguiam perfeitamente de qualquer outro sinal sonoro, se aprestavam prontamente para receber os arreios suspensos, facilitando a manobra dos cocheiros e rompendo em largo galope, mal se sentiam aparelhadas.

Na parte antiga do convento, na sua ligação com a igreja da Esperança, ficava o pátio da Porca ou Porta, cujas cantarias muito danificadas ainda existiam no meu tempo. Serviam para exercício físico e eram anualmente deslocadas de um ponto para outro, pela escola de recrutas, sendo no ano seguinte, recolocadas no local primitivo. As pedras iam-se partindo e acabaram gloriosamente, em brita, na laje da piscina que ocupa hoje o lugar do mosteiro. Nas escavações para esta piscina encontrámos moedas antigas que depois se extraviaram, o que verdadeiramente lamento, pois teriam hoje o seu lugar bem definido no Museu, a que só posteriormente se deu significado histórico.

Na verdade havia já, uma dependência a que se chamava Museu, que mais não era do que uma arrecadação de material antigo, disposto indiscriminadamente e sem qualquer valor como elemento histórico. Levámos

pois a efeito profundas obras de remodelação e alguns de V. Ex.^{as} que já visitaram o quartel e lá voltarem agora, desde que estejam bem recordados, vão notar por certo profundas alterações. Assim, demolidos alguns cubículos organizaram-se quatro salas. Na primeira guardam-se os modelos de antigas viaturas, muitos dos quais talvez não tivessem passado de modelos, e fixaram-se nas paredes dois painéis um com sinais sonoros e outro com apetrechos telefónicos, e um velho e desactualizado avisador de incêndios, infelizmente idêntico aos que estão ainda em uso.

Na parede oposta estão montados antigos arreios. Existe, ainda instalada e em funcionamento, a central telefónica das colónias que estabelecia ligação entre o Comando e as casas dos bombeiros auxiliares, os quais podiam receber as chamadas para socorro, mas não podiam comunicar entre si. O que dá no entanto principal valor a esta primeira sala é a homenagem que se presta a dois elementos do Corpo de Bombeiros Municipais que hoje ainda são falados e que por seus inventos passaram à história. Com eles pretendemos simbolizar as muitas centenas de homens que através dos tempos têm passado por aquela casa e que têm posto a sua inteligência, o seu espírito inventivo, a sua competência técnica, ao serviço da cidade, na adaptação e melhoria dos diferentes apetrechos, procurando resolver os problemas, que existem sempre, num serviço tão complexo e variado como é o serviço de incêndios, e em que o factor rapidez de execução teve sempre, e sempre continuará a ter, significado de maior valia. Do trabalho dessas centenas de homens, como disse, dois inventos passaram à posteridade. Um é a famosa escada Fernandes. O mestre da oficina do Corpo, o 1.º patrão n.º 14, João Fernandes inventou e construiu a escada que ficou com o seu nome, escada extensível, cuja característica mais interessante é a de ser a primeira escada rotativa que se conhece. Dizem que o engenheiro da fábrica «Magyrus» vindo muitos anos depois a Lisboa e vendo em funcionamento a escada Fernandes teria tido a ideia de tornar rotativas as suas escadas extensíveis, que já nessa altura tinham fama na Europa. Tal sucesso fez a escada Fernandes, construída em 1871, que o comércio de Lisboa, por subscrição pública, adquiriu 2.ª escada, a qual foi doada ao Município em 4 de Dezembro de 1873, isto é, dois anos depois.

O outro invento é o cinto de salvados do ajudante Baptista Ribeiro. Baptista Ribeiro é um nome que ainda anda nos ouvidos da minha geração, como bombeiro pertencente à plêiade gloriosa dos fins do século passado. Tendo sido voluntário, foi encorporado nos municipais onde veio a ascender

ao posto de Ajudante do Corpo. Foi condecorado em Junho de 1929 com o Grau de Cavaleiro da Ordem da Torre e Espada pelos altos serviços prestados à humanidade durante a sua longa vida de bombeiro. Veio a falecer pouco depois, em Setembro de 1929.

O seu cinto de salvados substituindo o lais de guia dobrado, nó feito com a espia na altura do salvamento, veio dar maior segurança e comodidade à descida do salvado, sem prejudicar a rapidez da execução. Foi estudado por forma criteriosa pois permite, com um duplo jogo de fivelas, ligar desde a pessoa mais pesada ao indivíduo mais franzino. O cinto está ainda hoje em uso, como meio indispensável de salvamento, e todas as viaturas de socorro do Batalhão dispõem de tal aparelho. Esta forma como o invento resiste ao tempo, quando o progresso acentuado, dos nossos dias, torna velhos em poucos meses, os sistemas julgados mais avançados, mostra bem o génio inventivo do seu autor e o conhecimento perfeito que tinha dos problemas da sua profissão.

A sala que se segue poderá considerar-se o mostruário do material ligeiro usado na primeira metade do século passado.

Desse material notam-se, como mais notáveis as duas bombas vindas do Palácio de Queluz, cujo construtor foi Mateus António. Sempre direi que Mateus António foi nome célebre nos bombeiros. Em 1766 foi criado o lugar de Capitão das Bombas, lugar que foi preenchido pelo mestre calafate Domingos Costa. Pode considerar-se este, como sendo o primeiro comandante dos bombeiros municipais. Manteve-se Domingos Costa, por largos anos, no cargo até que foi demitido em 1786. Substituiu-o o maquinista Mateus António da Costa, muito conhecido já como competente fabricante de bombas. Os seus serviços foram notáveis e tanto que em 1794 o cargo passou a designar-se Inspector de Incêndios, abrangendo também a administração dos chafarizes e recebendo como remuneração anual a quantia de 600\$00 réis, ordenado que se julga ser, nesse tempo, superior ao de um general! Ainda no Museu vemos documentos assinados por Mateus António, e como disse duas bombas de seu fabrico.

Na mesma sala se vêem painés com aparelhos de iluminação, travadores de espia de salvados, aparelhos de manobra de água, mangueiras de couro, que por volta de 1852, chegaram a Lisboa apetrechando, juntamente com escadas de ganchos e com o primeiro saco de salvação, hoje designado por «manga de salvação», a primeira bomba «Flaud».

Na terceira sala aparece o primeiro material moderno já destinado ao Museu, material das viaturas adquiridas em 1929-1930, as célebres viaturas

Mercedes, da grande aquisição feita aquando da criação do Batalhão de Sapadores Bombeiros, e algumas relíquias conseguidas em fogos, que só agora começámos a ter interesse em recolher por termos lugar adequado para elas. Em reportagem fotográfica se vê o que em matéria de obras e material tem evoluído o Batalhão.

A quarta sala é a sala de honra do Museu.

Cada painel tem seu significado. Num deles se vê a homenagem aos comandantes do antigo Corpo de Bombeiros Municipais. Fotografias que encontrei dispersas, ali se juntaram carinhosamente desde o engenheiro Pereira de Carvalho, nomeado Inspector em 1851 até ao Capitão Rodrigues Alves, último Comandante antes da criação do Batalhão.

Mas porque a homenagem ficaria incompleta, uma relação regista os nomes de todos quantos a história refere como tendo sido comandantes dos municipais, relação encabeçada pelos já citados Capitão das bombas, Domingos Costa e Inspector Mateus António.

Julgo oportuno referir ainda alguns nomes mais.

O de maior vulto é o professor Carlos José Barreiros, figura notável de organizador e de chefe, que deu extraordinário incremento aos serviços de incêndios da Capital, tornando-o, para o tempo, dos mais notáveis da Europa. Guilherme Gomes Fernandes, nome inolvidável de bombeiro, considerava-o seu Mestre, e este não será por certo dos seus menores elogios! Tal afirmação consta de fotocópia junto da fotografia de Guilherme Gomes Fernandes, existente no Museu.

Em vitrina própria aparece a espada, o capacete e as charlateiras do Comandante Augusto Gomes Ferreira, no cumprimento de decisão do Senado Municipal que igualmente determinou dar ao quartel n.º 1 a designação de «Caserna Augusto Ferreira».

Nessa vitrina vemos também a Bandeira Nacional que a Rainha Senhora D. Amélia ofereceu ao Corpo de Bombeiros Municipais em 1909 e o capacete do Comandante Lino da Silva, figura destacada do Paço e grande amigo do Senhor D. Afonso. A fotografia deste Príncipe ocupa lugar à parte pois foi comandante honorário do Corpo, nomeado por carta régia em 20 de Março de 1902.

Noutro painel aparecem as fotografias e os nomes dos bombeiros condecorados com a Torre e Espada. Como figura de maior vulto destaca-se o patrão Bernardino António da Costa, o célebre herói do Corpo Santo e que, por ter feito o salvamento de duas senhoras em condições extraordinárias, mereceu aquele galardão. Na vitrina própria se vê a

maqueta dos prédios em que se fez o salvado, oferecida bem como o retrato a óleo do herói, pelo filho dele, o Capitão-de-Mar-e-Guerra João Carlos da Costa, grande amigo dos bombeiros, felizmente ainda vivo.

Finalmente em terceiro painel, a homenagem que se presta aos «Mortos em Serviço», guardando nos retratos e na lista dos nomes a recordação dos seus feitos, e apontando-os como exemplo aos mais novos. E já que de todos se salientou algum, citarei o bombeiro Justino Narciso, que na canhoneira Beira, em 17 de Novembro de 1917 morreu para salvar um seu camarada caído num porão. Ao transportá-lo à coberta caiu ele por sua vez no fundo e ninguém o pôde já ir salvar.

Justino Narciso honra e justifica como poucos a gloriosa divisa dos bombeiros — «*Vida por Vida*».

Para terminar esta evocação histórica direi ainda que nas vitrinas centrais da sala de honra estão dispostos regulamentos, alguns datando do meado do século passado, manuais, revistas, jornais e ilustrações, tudo significando trabalho do comando ou homenagem da opinião pública a um serviço que sempre tem honrado a cidade que serve. O documento mais curioso que existe, é a fotocópia de uma ordenação de D. João I, escrita no Porto, em 1395, e cujo original está na Torre do Tombo. Reza esse documento:

«Que porquanto por vezes se levanta fogo nessa cidade, considerando sobre isso, algum bom remédio, acordaste que era bem que os pregoeiros dessa cidade, por freguesias, em cada uma noite, depois do sinal de recolher, andem pela dita cidade apregoando que cada um guarde e ponha guarda ao fogo em suas casas. E que em caso que algum fogo se levante, o que Deus não queira, que todos os carpinteiros e calafates venham áquele lugar, cada um com seu machado, para haverem de atalhar o dito fogo. E que outro sim, todas as mulheres, que ao dito fogo acudirem, tragam cada uma o seu cântaro ou pote para acarretar água para apagar o dito fogo. E outro sim, porque muitos acodem e veem a ele para roubar, acordaste que cem corretores que há na dita cidade, cheguem aí com as suas armas, para haverem de guardar que se não faça roubo. E mandamos que as casas que assim se derribarem para atalhar o dito fogo e se não fazer maior dano, que esse concelho, nem nenhum outro, não seja tido fazê-los, pois se faz por prol comum.»

É a altura de dar um salto para o presente, uma vez que temos apenas vivido no passado.

Gloriosas tradições as do Corpo de Bombeiros Municipais, mantidas em alto nível pelo Batalhão de Sapadores Bombeiros, após a sua criação.

E agora? A protecção da cidade contra o risco de incêndios, desde há muito considerada modelar, terá acompanhado o ritmo das modernas técnicas? Esta é a pergunta que se põe à consciência do actual Comandante do Batalhão para seu sossego. A resposta é felizmente afirmativa. É mesmo largamente afirmativa. A Ex.^{ma} Câmara, sob égide das figuras destacadas de Salvação Barreto e Pastor de Macedo, e tendo como conselheiro de excepcional valor o Director dos Serviços Técnicos Engenheiro Judah Ruah, não tem fugido à satisfação das propostas apresentadas pelo actual Comandante. Em 1948 foi feito o plano de reapetrechamento, e com a vinda de novo material, adquirido segundo esse plano, têm sido dados progressivamente por findos os serviços do material adquirido de 1927 a 1930. As técnicas mais modernas, das quais cumpre referir o uso de nevoeiro, água pulverizada a alta pressão que, teóricamente, decuplica o poder extintor da água, são correntes em Lisboa, talvez mais do que em qualquer outra capital da Europa. Vinte viaturas e em breve mais cinco estão aptas a pôr a trabalho 50 agulhetas de nevoeiro, número que segundo julgo não é atingido pelo menos na Europa do lado de cá, uma vez que da Europa dos «Sputniks» nada chega até nós sobre material de incêndios. Os 5 tanques que em breve entrarão ao serviço, cada um com a capacidade de 3.700 a 4.000 litros têm poder equivalente a cerca de 40 viaturas do tipo dos 2 autotanques adquiridos em 1930!

E porque os portugueses gostam de estudos de confronto julgo oportuno dizer-se que, de acordo com o plano de renovação e reapetrechamento de material, elaborado em 1948, a Ex.^{ma} Câmara adquiriu já, as seguintes viaturas de socorro:

- 8 autochefes de serviço (com bombas de alta e baixa pressão);
- 5 autoprontosocorros de nevoeiro (alta pressão);
- 10 autoprontosocorros pesados (com bomba de alta e baixa pressão);
- 2 autobombas;
- 7 auto-escadas mecânicas de 25 a 32 metros;
- 2 autoprontosocorros de emergência (neve carbónica e espuma);
- 2 autoprontosocorros ligeiros de neve carbónica;
- 2 auto-sapadores;
- 2 automateriais auxiliares;
- 2 ambulâncias.

A este material haverá que juntar, em breve, 5 autotanques e 1 auto prontosocorro grua, desalfandegado hoje depois de muito custo, o que perfaz um total de 48 viaturas de socorro contra incêndios e outros sinis-

tros, aquisição que, no total, como se vê ultrapassa em muito a de 1930. A par deste material numerosas viaturas de transportes gerais e ainda grupos de motobombas rebocáveis e transportáveis mostram bem que a Câmara de Lisboa não se tem poupado a esforços para bem dotar os seus bombeiros, que assim se sentem confiantes no poder do material de que dispõem para socorro do seu semelhante, missão a que devotadamente dedicam a sua vida.

De todas estas viaturas a mais recente é um modelo de técnica moderna.

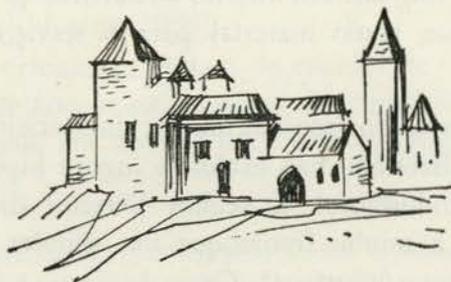
Não entrou ao serviço ainda pois os problemas que afligem os bombeiros são de todos os tempos. Este tem quase valor anedótico. Em 1734 adquiriu a Câmara, em Inglaterra 4 bombas, mas o provedor da Alfândega exigia largos direitos aduaneiros para poderem ser levantadas, e isso dificultou a sua entrada ao serviço, que só veio a fazer-se por determinação régia, com dispensa de tais direitos. Pois em 1957 também a Câmara de Lisboa adquiriu uma extraordinária viatura de socorro que desde meados de Outubro tem estado à guarda da Alfândega, furtada ao serviço a que se destina, por serem exigidos uns direitos aduaneiros que não correspondem à pauta benévola que, como material para o serviço de incêndios, lhe devem caber.

A viatura em causa foi acusada de ser uma oficina como se o facto de vir destinada ao Batalhão não excluísse logo a hipótese dela vir a ser utilizada para fins industriais! O senhor Director da Alfândega que a classificou, afirmou à minha frente que um simples aparelho de corte portátil era nitidamente industrial! Como haviam os bombeiros ingleses, na recente catástrofe ferroviária dos arredores de Londres, de cortar chaparia e os prumos de aço o que lhes permitiu libertar dezenas de sinistrados, se não utilizassem aparelhos de corte, o que aliás constou das reportagens do desastre. E também na catástrofe ferroviária de Nozières-Brignon em Setembro do corrente ano, em França, eu vejo na revista «Protection Civile» n.º 41, de Novembro de 1957, fotografias com bombeiros utilizando aparelhos de corte, para protecção e socorro à vítima. E vamos lá que o serviço de incêndios português não está em atraso. Já em 1930, quinze das viaturas Mercedes adquiridas pela C. M. L. traziam, no seu apetrechamento, aparelhos deste tipo!

No exercício que amanhã apresentamos a V. Ex.^{as} alguma coisa se demonstrará sobre a eficiência dos modernos meios de extinção: nevoeiro, espuma, neve carbónica e pó seco. A viatura a que vimos aludindo fará algumas das numerosas habilidades para que foi construída. Todos veremos que pode bem com a designação de «*viatura para bombeiros*» e que lhe repugna a que lhe está sendo imposta de «*viatura industrial*».

O percurso da visita ao quartel está estudado, para a tornar menos cansativa, por forma que a entrada seja feita pelo portão da Rua das Francesinhas.

A todos e em especial ao digno Secretário-Geral do Grupo, Dr. Eduardo Neves, pessoa cujas altas qualidades todos admiramos, e que me honrou presidindo a esta sessão, os meus agradecimentos, endossando eu para esse vosso ilustre dirigente as culpas de ter sido o causador da maçada a que V. Ex.^{as} foram sujeitos. Pelo meu lado as minhas desculpas e os meus cumprimentos.



O Palácio do Manteigueiro^(*)

por MÁRIO COSTA

NESTA ronda em que andamos, percorrendo as casas solarengas citadinas, agora transformadas em centros de trabalho e ao serviço de empresas comerciais e industriais, secretarias do Estado ou organismos corporativos, cabe-nos hoje transpor o celebrado *Palácio do Manteigueiro*, de história múltipla, recheada de acontecimentos, inconstante, agitada.

Este palácio, um dos bons edifícios integrados na freguesia da Encarnação, situa-se na Rua da Horta Seca n.ºs 15-17-19, à esquina da Rua da Emenda (que foi Travessa do Mel), onde tem os n.ºs 87-89-91 e possui outro meio de comunicação na Rua das Chagas, onde um portão de ferro, com o n.º 18 (primitivamente n.º 20), abre para um extenso corredor, que liga com o jardim, nas traseiras do edifício, e que servia à criadagem e dava passagem às carruagens. A entrada principal faz-se actualmente pelo n.º 15 da já citada Rua da Horta Seca, nome que foi muito acertadamente transmitido e que denota afinidades directas com a artéria vizinha, que a toponímia citadina designou Travessa do Sequeiro das Chagas. São ambas velhas de séculos, saudosas da sua contemporânea, a desaparecida Travessa dos Gatos, que se foi com os *Casebres do Loreto*, tornados célebres pelo muito que resistiram às inclemências do tempo e à acção do camartelo, que só muito tarde foi chamado a exercer o seu poder demolidor.

A edificação é de bom gosto, de sólido aspecto, deixando transparecer a marca da época. Observada angularmente, mostra gran-

(*) Conferência proferida no grupo «Amigos de Lisboa», em 7 de Novembro de 1957.

diosidade. Primitivamente de um só andar, águas-furtadas e dois pisos térreos, de janelas gradeadas, que o declive do terreno permitiu edificar, correspondendo a loja e sobreloja, do lado da Rua da Emenda, tem hoje três pavimentos superiores. As cantarias que guarnecem as janelas de sacada do andar nobre e do que se sobrepõe, mostram-se graciosamente recortadas, e, em complemento dos ornatos da janela central, vêem-se também, esculpidas em pedra, as armas do visconde de Condeixa, coroa e brasão, este desfigurado, símbolos que se repetem no bonito lanternim, que ilumina a escada nobre, também de pedra, e bem digna de ser admirada. Igual interesse desperta o portão principal, de duas meias-portas, trabalhado em boa madeira do Brasil, e o espaçoso átrio, cujo piso está revestido de pedra mármore, em losangos pretos e brancos. Na escadaria, o pouco que se mantém fiel ao passado, faltam agora os imponentes candelabros de bronze, de três luzes, que embelezavam o balcão do andar nobre, guarnecido de balaústres bem recortados; e também já não se vêem a passadeira *grenat* e os vasos de plantas decorativas, do tempo do presidente Arriaga. As duas figuras de bronze, que exteriorizam antigos guerreiros, e decoravam o átrio, estão hoje lado a lado da soleira da porta interior, que dá comunicação para a sobreloja.

No 1.º andar, merece especial referência a linda capela, com rica obra de talha e elegante cúpula, de um só altar, figurando no retábulo a imagem de Nossa Senhora. De quatro varandas-tribunas, que ficam ao nível do andar superior, podem-se acompanhar os ofícios religiosos. Esta dependência mantém-se num estado irrepreensível, e porque não a vimos citada em parte alguma, não sabemos se é contemporânea das fundações do palácio, ou se teria sido mandada construir pelo visconde de Condeixa. É pena que não fosse possível dar-lhe um pouco mais de largueza, para corresponder melhor à altura do zimbório, que é vistoso, rico e de caprichoso traçado.

A origem deste palácio data de 1787 e a sua construção foi entregue ao architecto Manuel Caetano de Sousa (1), por mandado de Domingos Mendes Dias, natural da povoação de Medeiros, freguesia e comarca de Montalegre, província de Trás-os-Montes, que destinou a luxuosa moradia a sua residência. Muito jovem ainda, fugiu aos pais e começou a vida em Lisboa como aguadeiro, depois foi marçano de mercearia e a seguir ao terramoto já se classificava «negociante da praça de Lisboa». Isto diz o Abade de Miragaia (P.º Pedro Augusto Ferreira), que foi o continuador de Pinho Leal no seu notável *Por-*

(1) Eduardo de Noronha atribui a obra ao architecto Altronochi (*Milionário Artista*, pág. 184).

tugal Antigo e Moderno, porque *Tinop* dá este batalhador como emigrado no Brasil, onde se entregou ao comércio de mercearias, tornando-se um novo-rico, numa época anterior à consagração desse termo. O afortunado transmontano, que se não fora a riqueza acumulada



A fachada principal na fase primitiva

não passaria dum ignorado e humilde cidadão, chegou a fidalgo da Casa Real e atribui-se a origem da sua sólida posição, ao comércio de manteigas por grosso, que montou em Lisboa, daí lhe advindo o epíteto de «Manteigueiro». É outra a versão apresentada pelo Abade

de Miragaia, que, fazendo-se eco de correntes diferentes, insinua como possíveis meios condutores do amealhamento dos grossos cabedais, «lanço feliz de rede por ocasião do terramoto», contrabando ou interesses ligados à expulsão dos jesuítas.

Domingos Mendes Dias era considerado um dos maiores capitalistas do seu tempo e deixou uma fortuna que, na data do falecimento, foi avaliada em seis e meio milhões de cruzados, correspondentes a dois mil e seiscentos contos de réis. Apesar disso, até ao fim da sua vida, revelou-se um espírito tacanho, peculiar à sovínice de que deu bastas provas. Vivia com uma preta de avançada idade, que lhe preparava os alimentos, tudo do que havia de mais barato, e mandava servir o jantar dentro duma gaveta da sua secretária, que logo fechava, se alguma visita aparecia.

Devido ao seu feitio miserável, este estranho milionário chegou a ser preso pela ronda, por se tornar suspeito, uma noite em que transportava às costas a fruta verde que apanhara do chão, numa das suas quintas dos arredores.

Contava-se que, nas longas noites de inverno, o seu prazer favorito consistia em «formar cartuchos de cem peças de ouro». Jamais soube tirar do dinheiro o bom partido que ele pode dar, esse ricaço asqueroso, que faleceu nos princípios do século XIX⁽²⁾, em consequência de um ataque de ladrões, à punhalada, pois que, mesmo nessa emergência, achando os gastos exagerados, implorou do médico que o tratava, que fosse mais comedido nos remédios... Da poupança surgiu a gangrena, que o levou como a qualquer pobre de Cristo.

O clínico que lhe assistiu, apresentado por *Tinop* como célebre e com o nome de Manuel Constantino⁽³⁾, não pode ser outro senão o Dr. Manuel Constâncio (1726-1817), tanto mais que morava ali perto, ao Loreto, no 1.º andar dum prédio entre as Ruas do Norte e das Gáveas. Era natural das Sentieiras (Abrantes) e filho de pais pobres. Começou como barbeiro, ali perto, no Sardoal, e, em Lisboa, dedicando-se ao estudo, obteve a carta de sangrador, praticou cirurgia no Hospital Real de Todos-os-Santos e entrou auspiciosamente na carreira de cirurgião, após o exame em 1758. Sucedendo ao mestre francês Pedro Dufau, tomou conta da Cadeira de Anatomia da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa, ganhando fama de professor muito sapiente,

(¹) Já passara a esse estado em Agosto de 1804.

(²) *Lisboa de outrora*, vol. 1.º, pág. 140.

dedicado e progressivo (4). Foi cirurgião da Real Casa e Família e ainda cirurgião da Real Câmara (1786), escudeiro e cavaleiro fidalgo (1789).

De entre os seus três filhos, destacam-se o Dr. Francisco Solano Constâncio, também médico muito distinto, escritor e político (5); e Maria Margarida Constâncio, a *Marília* que inspirou a Bocage um grande número de sonetos, transbordantes de paixão. O vate era frequentador assíduo da casa do Dr. Constâncio e amigo íntimo do filho Pedro.

Contrastando com a sua manifesta avareza, o milionário-«manteigueiro» vivia num ambiente de riqueza. Os interiores do palácio eram de um «luxo asiático», expressão de que se serviu *Tinop*. As quatro salas (branca, vermelha, verde e amarela), com os tectos pintados por Pedro Alexandrino (1730-1810) e ricas portas de madeira do Brasil, estavam forradas de damasco, recheadas de colgaduras e de «opulenta mobília». Os espelhos eram de boas chapas de cristal e tanto as molduras como os tremós estavam dourados com «peças d'ouro derretidas». O salão de baile, como a sala de jantar, corriam ao longo da fachada virada à Rua da Horta Seca.

Transtornado por tanto luxo, e esquecendo os seus princípios, o antigo pobretão foi acometido pela mania das grandezas. E, querendo mostrar-se de origem fidalga, obteve de António de Sousa Pereira Coutinho, morgado de Vilar de Perdizes (6) e vizinho na sua terra de nascimento, a sua aquiescência no tratamento de primo, prometendo, em troca, legar-lhe o palácio e toda a sua fortuna.

Não esqueceu o «brasileiro» a promessa feita, que «religiosamente cumpriu», e assim, por sua morte, o palácio da Rua da Horta Seca entrou na posse do morgado, que teve como antepassado o reverendo António de Sousa, servidor dedicado dos duques D. Jaime e D. Teodósio, e representava a ilustre família Pereira Coutinho, que deteve em suas mãos, por muitos anos, o honroso cargo de alcaide-mor do Castelo de Piconha, erguido na freguesia de Tourém, concelho de Montalegre, fortaleza que, segundo se crê, foi levantada por D. Afonso III,

(4) O Dr. Sebastião Costa Santos refere-se desenvolvidamente a esta figura da Ciência (*A Escola de Cirurgia do Hospital Real de Todos os Santos*), que também foi estudada pelos Drs. Barbosa Soeiro e Baeta Neves, e citada por Adrian Balbi (*Essai Statistique*, etc.). A biografia foi publicada por um seu familiar, Augusto de Castro, em *Arquivos de História da Medicina Portuguesa*, Porto, 1918.

(5) Autor de *Anais das Ciências, das Artes e das Letras, Necrologia* (Paris, 1819).

(6) Povoação e freguesia de Santo André, da província de Trás-os-Montes, concelho e comarca de Montalegre, distrito de Vila Real.

que lhe deu foral, confirmado por D. Manuel I. Arrazada pelos castelhanos no reinado de D. João I e por este reconstruída, ficou novamente desmantelada nas guerras da Restauração. Carlos Malheiro Dias, no seu romance «A Paixão de Maria do Céu», cita esta família, que designa por «os senhores poderosos de Vilar de Perdizes (7)».

O fidalgo que se tornou herdeiro universal do «Manteigueiro», era tido como gastrónomo de primeira ordem, e um dos seus filhos, de nome Alexandre, deu brado em Lisboa com o seu exagerado janotismo. Apresentava-se elegantemente encasacado, de chapéu alto enformado a rigor e destacava-se nos salões como aprimorado dançador.



A escada nobre no tempo do Dr. Manuel de Arriaga

Uma irmã desse *gentleman*, D. Maria da Graça Pereira Coutinho, consorciou-se com Santana e Vasconcelos, 2.º visconde de Nogueiras, de seu nome completo Jacinto de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt, e que foi consul de Portugal no Peru, ministro em Washington, fidalgo-cavaleiro da Casa Real, deputado da Nação, comendador das Ordens de Cristo, de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e de Carlos III, de Espanha, funcionário superior do Ministério da Fazenda, jornalista e poeta de boa inspiração. Santana

(7) *Luq. cit.*, pág. 69.

e Vasconcelos, que em política foi um acérrimo combatente contra a política de Costa Cabral, ganhou fama pela sua vida aventureira de grande boémio, fazendo parte do grupo do marquês de Nisa, António da Cunha Sotto Mayor e outros elegantes da vida turbulenta e extravagante do século passado. Era dotado de um extraordinário vigor físico, grande espadachim e atirador de respeito; e porque as suas atitudes foram muitas vezes as de autêntico «varredor de feira», deixou uma lista quase lendária de inacreditáveis episódios. A esta curiosa figura se têm referido detalhadamente Bulhão Pato, Júlio Dantas, Pinheiro Chagas, Pinto de Carvalho, Ramalho, Palmeirim, Eduardo de Noronha, Sousa Bastos e outros mais.

★

Norberto de Araújo refere-se vagamente a este palácio ⁽⁸⁾, e, pelas averiguações de *Tinop* ⁽⁹⁾, se conclui que, durante algum tempo, após a morte do seu rico proprietário, os moradores do palácio não se fixaram por longo tempo, pois, em Agosto de 1804, era pedida a sua cedência para moradia temporária do conde de Caparica ⁽¹⁰⁾, que sofria de febres malignas, e, seis anos mais tarde, D. Miguel Pereira Forjaz (conde da Feira), na qualidade de ministro da Guerra e dos Negócios Estrangeiros da Regência, determinava que essa casa ficasse à disposição do coronel Peacock, para que nela se pudesse estabelecer um hospital militar britânico. O citado Abade de Miragaia dá Junot como aqui instalado em 1807, o que bem pode ser confusão com outro palácio, o do Loreto, que nessa data serviu ao representante diplomático da França, acreditado em Portugal.

Outro morador foi o marquês de Lille, ministro plenipotenciário da França, em representação de Napoleão III, no tempo em que, no dizer de *Tinop*, «a contradança obedecia ao protocolo e a valsa perdia de vista o equilíbrio europeu» ⁽¹¹⁾.

Esse diplomata mandou executar grandes obras no palácio, com uma decoração rica e de bom gosto, tendo marcado a inauguração de tal acontecimento com um grandioso baile, a que se seguiram outros,

⁽⁸⁾ *Peregrinações em Lisboa*, l.º 13, pág. 52.

⁽⁹⁾ *Lisboa de outros tempos*, vol. 1.º, pág. 181.

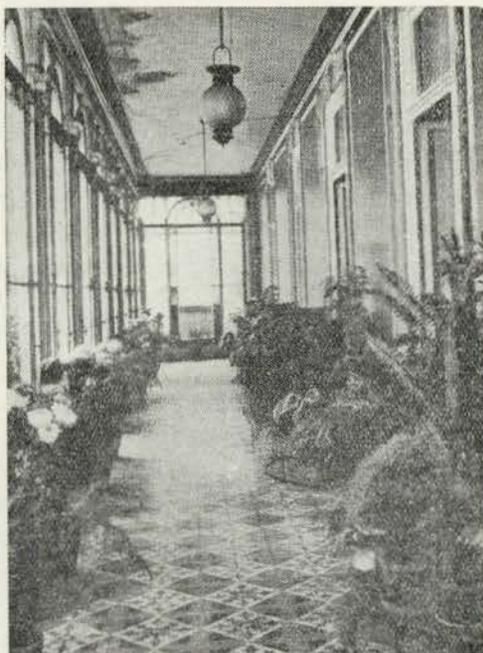
⁽¹⁰⁾ D. Francisco de Meneses da Silveira e Castro, feito marquês de Valada pelo príncipe-regente D. João. Na mesma época habitou o seu palácio, no Calhariz, que foi do herói da Alfarrobeira, D. Álvaro Vaz de Almada, depois dos Távoras e ainda dos condes de Azambuja.

⁽¹¹⁾ *Lisboa de outrora*, vol. 3.º, pág. 75.

não menos solenes. Mas o corolário foi a festa de estrondo oferecida em 1855, em honra do nosso rei D. Pedro V, comemorativa da sua coroação.

★

Nesta casa solarenga também residiu, com sua família, o rico negociante de origem inglesa, João Fletcher, talvez a partir de 1826, época em que o palácio se transformou num grande centro de reuniões, principalmente da colónia inglesa, tendo hospedado naquele ano um general que viera na divisão de Clington.



A antiga galeria do palácio

Bulhão Pato, um dos íntimos da Casa, conta que nos jantares e serões se reunia a primeira aristocracia, os mais altos titulares do país ⁽¹²⁾.

João Fletcher tinha como vizinho e assíduo frequentador dos seus salões, o opulento negociante João Paulo Cordeiro, acérrimo miguelista e chefe duma quadrilha de caceteiros, e que a tal ponto levava o seu fanatismo político que, por cada ano de reinado de D. Miguel, metia nos dedos um anel com brilhantes. Quando se verificou a derrota da causa do filho segundo de D. João VI, aquele súbdito inglês, que era

⁽¹²⁾ *Memórias*, vol. 3.º, pág. 305/6.

muito affecto ao liberalismo, salvou a vida do poderoso magnate, recolhendo-o no seu palácio.

Este rico negociante possuía igualmente casas na Ameixoeira e na Moita; e, nas suas propriedades no sítio do Ginjal, onde recebia principescamente os amigos, também deu abrigo a muitos miguelistas, no intuito de os salvar da fúria política. João Fletcher teria vindo para Lisboa anos depois de 1786, na intenção de proceder ao salvamento da carga do galeão espanhol «São Pedro de Alcântara», afundado em Peniche, e que do Peru, então colónia espanhola, havia sido enviado a Cadiz, «com um carregamento no valor de 70 milhões de cruzados (28.000.000\$000) em moedas, barras e baixelas de ouro e prata, além de outros objectos» (13).

João Fletcher e seu sobrinho Alfredo William Howell, empreendedores do trabalho, acabaram por desistir, mas por cá continuaram a viver. O primeiro ocupou na sociedade um lugar de destaque, e tornou-se curioso em Lisboa pela sua rara e notória excentricidade. Foi ele que, no ano de 1812, apresentou na capital o primeiro *landau*, que mandou vir de Londres e lhe custara 400 libras esterlinas (14). Bem lançado na sociedade, acompanhava assiduamente com o marquês de Nisa e outros fidalgos boémios. Frequentava os melhores salões e deixou fama no palácio das Laranjeiras, pelas anedotas que sabia contar e a que emprestava a sua graça. Era um perfeito *dandy*, que não faltava nas corridas de cavalos, na ópera de S. Carlos e nos bailes das *assembleias* aristocráticas e outras festas mundanas. Era amigo do prof. Melo Breyner (15) e foi director da *Assembleia Estrangeira*, que se chamara *Assembleia Inglesa*, já existente em 1771, e onde na noite de 24 de Julho de 1833, dia da entrada do duque da Terceira na capital, se deu um baile, em que todas as senhoras se apresentaram vestidas de azul e branco (16). Em 1816 apresentou à Real Junta do Comércio um projecto para a criação de um estabelecimento bancário em Lisboa.

João Fletcher era neto dum official de engenharia inglês que batalhou nas linhas de Torres Vedras. Sua filha, D. Constança Fletcher, consorciou-se com o tenente-general D. António José de Melo Homem (da família dos Condes de Murça), e desse casamento nasceu D. Tomás de Melo (D. Tomás José Fletcher de Melo Homem), que juntou à sua

(13) *Três palácios dos Correios na Rua de S. José*, por Godofredo Ferreira, pág. 78.

(14) *Lisboa de outros tempos*, vol. 1.º, pág. 143.

(15) *Memórias*, vol. 1.º, pág. 303.

(16) *Lisboa de outrora*, vol. 2.º, pág. 126.

veia literária uma excentricidade buliçosa, com larga tradição boémia, que ficou reflectida na sua turbulenta biografia. Tomás de Melo não nasceu na casa da Horta Seca, como parecia a Bulhão Pato ⁽¹⁷⁾ — quando muito, viveu lá os primeiros meses de infância —, mas sim no palácio de seu avô, na vila da Moita, a 23 de Fevereiro de 1836. Deixou uma filha, D. Maria Justina Micaela Tomásia José de Jesus de Melo Homem, que era conhecida por Maria de Melo e também se destacou na capital pelas suas fantasias, trajando sempre de maneira extravagante.

★

É a altura de nos referirmos à *Assembleia Lisbonense*, também chamada *Assembleia da Horta Seca*, considerada durante os catorze anos da sua vigência, o melhor centro da plutocracia e da alta política, que constituíam a nata dos partidários da «Carta». A ideia da sua formação surgiu numa conversa de amigos, presentes a um sarau da *Assembleia Recreativa* ⁽¹⁸⁾, em Abril de 1836, lembrança do grande liberal Francisco José de Almeida, a quem logo se associaram José da Silva Carvalho, Rodrigo da Fonseca e outros categorizados elementos, que na assembleia geral de 17 desse mês, no salão de S. Carlos, elegeram aquele notável estadista para vice-presidente e deram o lugar imediatamente superior ao conde de Farrobo. Foi após nova assembleia geral, em casa deste titular, que se resolveu alugar o palácio, considerado óptimo para o efeito e estabeleceu-se a quota de 9\$600 réis (2 moedas). O contrato de arrendamento datou-se de 12 de Maio de 1837, o senhorio continuava a ser o morgado de Vilar de Perdizes e João Fletcher, que ainda era inquilino, foi quem mostrou as casas.

Tinop dá como instalada no Palácio do *Manteigueiro*, em 1829, a *Assembleia Portuguesa* ⁽¹⁹⁾, por transferência do palácio Valadares, no Largo do Carmo ⁽²⁰⁾; mas, tomando em conta o tempo em que João Fletcher permaneceu nesse palácio (de 1826 a 1836) ⁽²¹⁾ e outra referência do valioso cronista, relativamente ao *Club Lisbonense*, que na fundação, em 1835, aproveitou o citado edifício do Largo do Carmo, da então extinta *Assembleia Portuguesa* ⁽²²⁾, somos levado a concluir que houve inexactidão na primeira afirmativa. Em reforço desta

⁽¹⁷⁾ *Memórias*, vol. 3.º, pág. 305.

⁽¹⁸⁾ Funcionava no palácio Rio Maior.

⁽¹⁹⁾ Fundada em 1819 e dissolvida em 1832.

⁽²⁰⁾ *Lisboa de outrora*, vol. 2.º, pág. 134.

⁽²¹⁾ *Lisboa de outros tempos*, vol. 1.º, págs. 181-189/190.

⁽²²⁾ *Lisboa de outrora*, vol. 2.º, pág. 135.

opinião, lemos em Eduardo de Noronha que o *Club Lisbonense* foi descendente da *Assembleia Portuguesa* ⁽²³⁾. Logo, esta acabou os seus dias nas vizinhanças das ruínas do Convento fundado pelo vencedor de Aljubarrota.

Com o pretexto de dar aos salões um aspecto *moderno*, cometeu-se a barbaridade de arrancar ou substituir as ricas decorações, como os espelhos, os damascos das paredes, os caixilhos doirados das sobre-



A escadaria do lado posterior vendo-se o Dr. Manuel de Arriaga e os mais directos membros da família do antigo Chefe de Estado

portas, e os estuques dos tectos, vendendo-se aos ferros-velhos as portas de madeira do Brasil ⁽²⁴⁾.

As portas da nova *Assembleia* abriram-se a 15 de Agosto, e, em 21 de Novembro, fez-se a inauguração com o 1.º baile, que decorreu

⁽²³⁾ *Milionário artista*, pág. 118.

⁽²⁴⁾ *Lisboa de outros tempos*, vol. 1.º, pág. 181; *Lisboa de outrora*, vol. 2.º, pág. 141; *Milionário artista*, págs. 183-185.

entre primores de luxo e galantaria. Estavam presentes, e tornaram-se certos em todas as festas, os Fronteiras, Palmelas, Farrobos, Vilas Reis, Ficalhos, Terceiras, Braamcamps, tudo o que de mais nobre e de mais fidalgo compunha a alta sociedade da época. Muitas vezes não foi estranha a presença da rainha a Senhora D. Maria II, de D. Fernando, da imperatriz-duquesa viúva de D. Pedro, e das Senhoras Infantas. Em honra do marquês de Fronteira deram-se alguns jantares e bailes, manifestações políticas dos seus partidários e camaradas no exército, e teve especial realce o baile de 21 de Abril de 1838, em benefício do Asilo de Mendicidade.

Nessa época dançava-se por toda a parte. As casas nobres ou abastadas davam continuamente festas. Os condes de Farrobo, do Carvalhal e de Penafiel e o marquês de Viana, formavam em primeiro plano, escancaravam os seus salões, para que neles entrasse a aristocracia, a tomar parte nos mais esplendorosos bailes, muitas vezes acompanhados de magnificentes jantares, chás de grande distinção e concertos da mais sublimada arte.

O general Pourcet de Fondeyre, que visitou o nosso país e chegou a Lisboa em 8 de Outubro de 1842, no seu livro «Lisbonne et le Portugal», não esqueceu referenciar a *Assemblée Lisbonense*, porque lá esteve em noite de recepção, como diz:

«C'était jour de grand réception à l'assemblée lisbonnaise, et il y avait bal. L'infante et la veuve de don Pedro devaient y assister avec toute la cour, les ambassadeurs, les ministres et enfin tout ce que Lisbonne contenait de *fidalgos* riches et influens. Les voitures roulaient, embarrassant les rues et répandant un bruit pareil à celui de deux marmites fêtées qui se heurteraient ensemble, et les commissaires du Club, bien gantés, bien tapissés de noir et bouclés comme des cherubins, venaient de s'emparer des portes du bal.»

O ilustre visitante destacou da assistência o capitão Napier, «un homme petit, gros, rouge et Anglais», que ostentava «un habit de marin et une quantité de décorations», estava rodeado de «nombreux courtisans qui l'assiégèrent aussitôt», e «malgré son âge, sa dignité et sa confirmation, il dansa».

«Sir» Charles Napier (1786-1860, 1.º visconde e 1.º conde do Cabo de S. Vicente, mais tarde conde Napier de S. Vicente), foi almirante da esquadra inglesa, almirante honorário da Armada Portuguesa, Grã-Cruz da Torre e Espada e comandou a esquadra liberal portuguesa durante a guerra civil entre liberais e absolutistas.

Também num baile de 1838 estivera o general egípcio Edem-Bey, acompanhado de literatos e artistas e a 28 de Abril desse ano teve lugar a primeira «reunião-filarmónica», afirmando Francisco José de Almeida que foi a *Assembleia Lisbonense* que muito contribuiu, com essa inovação, para desenvolver no país o gosto pela música (25).

Os bailes da *Assembleia* deixaram um eco que perdurou por muitos anos, pondo na lembrança os requintes de raro esplendor e a suma elegância que a eles sempre presidiu. A orquestra era primorosa (26), e nos concertos, sempre impregnados do mesmo cunho de arte e elegância, e para os quais muito concorreu o conde de Farrobo, tomavam parte amadores de fama, escolhidos entre a primeira sociedade (27).

Tinop, que tinha sempre a frase própria para sintetizar todas as manifestações da sociedade, que nos deixou em apreciadíssimas crónicas, escreveu que estas festividades «tinham um encanto, que parecia pertencer ao domínio das fábulas» (28). E Júlio Dantas, que salpicou as suas narrações de sentido histórico com referências aos bailes do *Manteigueiro*, onde se jogava desenfriadamente, deu a notícia sensacional de que, nessas noites, as mães românticas, com o peito cheio de jóias, tiravam o seio para aleitar os filhos (29).

Esta agremiação, nascida sob a influência do romantismo, importado de França pelos emigrados que haviam fugido ao miguelismo, não resistiria às perturbações nascidas duma política nacional incerta e revolucionária, que o constitucionalismo reprimia a custo. Quando, a 27 de Julho de 1851, numa almoeda que foi pasto de natural coscuvilhice, ecoava o pregão do leiloeiro, significativo de que findara o luxo e o fausto vividos adentro desses salões, já a *Assembleia Lisbonense* perdera todo o esplendor e grandeza. As suas portas estiveram sempre fechadas aos negociantes de balcão, porque a tal se opunham os estatutos (30).

★

Este palácio também serviu de residência ao conde da Torre e foi pertença do 1.º visconde de Condeixa (João Maria Colaço de Magalhães

(25) *Apontamentos da vida de um homem obscuro*, pág. 324.

(26) Regida por Azimont, que foi professor de dança de D. Maria II, mestre da banda da Guarda Real da Polícia, professor da orquestra de S. Carlos e director de bailes. Suicidou-se com um tiro de pistola em 1860, contando 70 anos de idade (*Lisboa de outrora*, vol. 3.º, pág. 114).

(27) *Apontamentos da vida de um homem obscuro*, pág. 324.

(28) *Lisboa de outrora*, vol. 2.º, pág. 1141.

(29) *O amor em Portugal no século XVIII*, pág. 235; *Figuras de ontem e de hoje*, pág. 86-123.

(30) *Memórias de Bulhão Pato*, vol. 3.º, pág. 356.

Velasques Sarmiento), que nele também viveu e o havia adquirido em 1860 por trinta e tantos contos — outra informação do Abade de Miragaia. De grande distinção de maneiras, o visconde foi par do Reino, fidalgo-cavaleiro da Casa Real, por direito, comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e da Rosa, cavaleiro da Torre e Espada e administrador do vínculo dos Colaços, no campo de Coimbra. Trabalhara no Rio de Janeiro, como negociante de grosso trato, e foi tido no nosso país como grande capitalista e opulento proprietário.

As paredes, se falassem, teriam muito que contar da maneira de ser, dos gestos, das atitudes, da indumentária do filho segundo deste outro proprietário, que se chamou Jerónimo Colaço de Magalhães da Gama Moniz Velasco Sarmiento Alarcão Bulhões de Sande Mexia Salema, vulgarmente conhecido por Jerónimo Colaço ou Jerónimo Condeixa, e apontado em Paris por Mr. de Magellan. Foi um excêntrico elegante, galã audacioso, para quem a vida era uma eterna estroinice. Frequentou o Chiado com uma constância pertinaz e tinha poiso certo na pastelaria Baltresqui ⁽³¹⁾, onde foi considerado o mais saliente conversador. Das suas relações de amizade com Eça de Queirós, dá-nos nota o professor Melo Breyner, que apresenta ambos numa recepção em casa do conde de Daupias, ao Calvário, onde compareceu também Ramalho Ortigão ⁽³²⁾. Durante essa intimidade, o romancista de rara inspiração pôde observar bem o nosso gentil-homem, a «coqueluche das guapas», e tanto interesse viu nessa estranha figura, que o biografou elegantemente, sob o personagem de Fradique, fazendo as delícias do grande público dessa época, que tanto apreciava o estilo do festejado autor.

Este simpático peralta conseguiu interessar os principais literatos do seu tempo, e, depois de Beldemónio ⁽³³⁾, dedicou-lhe Ramalho, em homenagem póstuma, algumas palavras de saudade ⁽³⁴⁾, que acompanhou dum rápido perfil, no qual sobressai a maneira de trajar do elegante: sapatos de bico, calças justas, chapéus arqueados, bengala de castão de prata, anéis ingleses de enormes pedras, grande botão solitário de uma pérola preta, rodeada de brilhantes, no peito da camisa de baile.

⁽³¹⁾ Era uma das melhores pastelarias e situava-se no n.º 49, actual, onde hoje está o depósito das máquinas de costura *Pfaff*. Viera da Rua dos Capelistas, cujo estabelecimento foi atingido pelo incêndio de 1863, que destruiu os Paços do Concelho.

⁽³²⁾ *Memórias*, vol. 1.º, pág. 140. Caricatura, na pág. 121.

⁽³³⁾ *Viagens no Chiado*, pág. 131. *Diário Ilustrado* de 8-1-1884.

⁽³⁴⁾ *As Farpas*, vol. 3.º, págs. 103 e segs.

Rocha Martins, num artigo jornalístico, dá conta de uma entrevista entre Condeixa e outra figura excêntrica do mesmo tempo, o «Barata Loira», que *Tinop* classificou como um dos «inválidos da mandracice», e que Eça aproveitou na criação do seu «Dâmaso Salcede», entrevista em que o primeiro foi chamado a dar a sua opinião acerca de uma carruagem que o outro comprara e com a qual pensava deslumbrar os lisboetas. «O elegante assestou o monóculo, mirou e remirou o veículo, e, ante a expectativa ansiosa do outro, voltou serenamente:

«— Falta-lhe o número!... — Tratava o carro, destinado a estarreecer a capital, como uma tipóia de praça.»⁽³⁵⁾.

É claro que o janota não gostou da graça, mas não se perturbou, e seguiu o seu caminho na carruagem, Chiado acima. E, como aquele de quem queria ser émulo, faleceu em Paris, em 1914.

Em um artigo de quatro páginas, bem ilustradas, com retratos de família⁽³⁶⁾, publicado em 1912, o Dr. João Telo de Magalhães Colaço⁽³⁷⁾ demonstrou a semelhança da sua figura com o «Fradique», de Eça, e foi buscar ao arquivo dos alfarrábios um jornal literário de 1877⁽³⁸⁾, em que, com certa ironia, se dá conta do regresso de Paris do escritor e do elegante, satirizando-os deste modo:

DOIS TIPOS

*São chegadas a Lisboa
Duas grandes personagens
A que, a pobre da Gazeta,
Presta as suas homenagens.*

*Chama-se um José Maria
Outro chama-se Colaço,
N'um as letras ... são mania
N'outro o dandysmo ... fracasso!*

⁽³⁵⁾ *Arquivo Nacional*, n.º 170, ano 4.º, págs. 228/9. *Tinop* (*Lisboa de outrora*, vol. 1.º, pág. 249), Eduardo de Noronha (*Revista Municipal*, n.º 46) e Trindade Baptista (*Um feixe de saudades*, pág. 78 e segs.), também se referem a esta figura.

⁽³⁶⁾ *Ilustração portuguesa*, n.º 346, de 7 de Outubro de 1912.

⁽³⁷⁾ Professor de Direito e sócio da Academia das Ciências de Lisboa (1892-1931).

⁽³⁸⁾ *Gazeta do Chiado*, de 31 de Dezembro de 1876.

*Ambos vestem a capricho
Ambos com agudas botas ...
Ambos se ocupam ... felizes!
Em serem reis dos janotas.*

*Portugal lhes grita: Salvé,
Do coração vos aguardo!...
Um lhe oferece um bom talento
Outro, um cão de S. Bernardo.*

A este epigrama, respondeu Colaço, logo no dia imediato, com a seguinte carta, a que não pôde poupar um sentido acre, e que fez acompanhar de uma libra em ouro:

«Acabo de chegar de Paris como V. Ex.^{as} me deram a honra de anunciar em verso, e vi portanto pela primeira vez a «Gazeta do Chiado».

Tive grande regozijo em ver que durante a minha ausência o País se tinha dotado com mais este elemento de pilhéria, e desejava que V. Ex.^{as} me dessem o prazer de me contar entre os seus assinantes, já que me deram a honra de me contar entre os seus assuntos: a minha única mágoa é que o mau tempo d'aqui e o bom tempo de Nice me obriguem a deixar Lisboa tão cedo sem ter ocasião de exhibir as novidades mais características de Londres, Paris e Viena, em «costumes», cavalos, «pelisses», cães, chapéus, luvas, carruagens, jóias de dia e jóias de noite, librés e «bouquets» de casaca!

O País porém tem tantos tipos superiores de elegância, que eu parto tranquilo, na certeza de que, o «bom tom», o «Dandysmo», terão ainda grandes dias entre o largo de S. Roque e a rua dos Calafates.

Tomo a liberdade de pedir a V. Ex.^{as} que me façam dirigir o seu jornal para minha casa em Paris, 21, Place Vendôme.»

Júlio Dantas, o erudito académico, numa das três conferências que proferiu no Brasil em 1923 ⁽³⁹⁾, desenhou magnificamente essa estranha figura, alinhando-a com Almeida Garrett, Paiva de Araújo, Henrique James e Ricardo Brown. Desse trabalho de alto valor literário, recorramos este passo, que por si só define, de forma expressiva, o quilate desse *virtuose* da Moda, assim retratado:

(39) *O Heroísmo, A Elegância, O Amor.*

«...foi em Paris o modelo da elegância luminosa que se compraz nas cores vivas, nos tons quentes, nos coletes cor-de-fogo, nas calças *gris-perle*, nas lapelas de seda floridas de grandes camé-



Jerônimo Colaço aos 38 anos

lias vermelhas, — e amou com o mesmo brilho com que se vestiu, fazendo de cada aventura uma alta comédia e sorrindo das próprias paixões que despertava, como se o amor fosse apenas para ele uma espuma leve de *Champagne*.»

Jerónimo Colaço possuía um *mail-coach*, tirado a quatro cavalos, que causou assombro e sobressalto na Lisboa pacata do fim do século passado. Conhecia de cor a volta que dava diàriamente, às 4 horas da tarde, de S. Roque à Patriarcal Queimada, descendo ao Passeio Público, e da Baixa entrava no Chiado, *fórum* da elegância e da maledicência citadinas. A sua presença «alvorçava a pacatez lisboeta e acordava as nossas ruas áfonas», e as guizeiras da carruagem, em desrespeito pela postura policial, «obrigavam os caixeiros a correr às portas das lojas e as cabecitas femininas a assomar às janelas dos andares.» (40).

Como todos os *grands-seigneurs*, Jerónimo Colaço fez vida larga em Paris, que deslumbrou com as suas gravatas, as suas jóias e as suas amantes. Também viveu no Rio de Janeiro e serviu como secretário de embaixada. Seguindo o exemplo do duque de Palmela, as suas camisas iam a engomar a Londres. E foi a «cidade-luz», na cama de um hotel do Boulevard Malesherbes, que o viu finar-se, aos poucos, com uma lesão cardíaca, em adiantado grau. Era o dia primeiro de Janeiro de 1884. Contava 39 anos e há uma dezena deles que os cabelos se lhe haviam embranquecido completamente. Estivera em Lisboa em fins de Novembro de 1883 e foi em Paris que quis separar-se da vida, que ele tanto amara, e da qual soubera aproveitar tudo o que de mais belo ela pode dar.

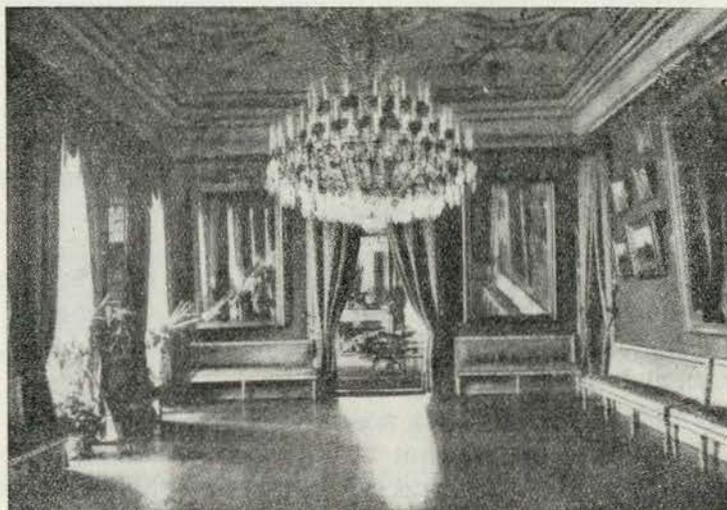
Inevitavelmente, o espírito extravagante desse janota-fidalgo, de lugar distinto entre a sociedade dourada que lhe foi contemporânea, havia de alentar a história da casa que lhe serviu de lar, como se demonstra por este apontamento revelado ainda e sempre por *Tinop*:

«No seu quarto de dormir, notava-se um catafalco, servindo de cama, enquanto ao lado, gravemente, se perfilava um esqueleto que fazia sentinela; em uma das salas, admirava-se um troféu constituído pela cabeça de um toiro (morto numa sorte oferecida por Carmona ao *Condeixa*), pelas cabeças dos cavalos abatidos nessa toirada, e por farpas, varas, espadas e capas de bandariheiro; a escada, que conduzia ao seu quarto, possuía guarnições compostas de freios e pingalins de todos os géneros; os corredores impunham tanto respeito como alêas bordadas de esfinges, que dão acesso ao templo de Ísis.» (41).

(40) *Lisboa de outrora*, vol. 1.º, pág. 252.

(41) *Lisboa de outrora*, vol. 1.º, pág. 251. Também se lê essa revelação no *Diário Ilustrado* de 4-1-1884.

A mudança do regime político em Portugal também influiu na história deste palácio, que veio a servir de moradia particular do primeiro presidente da República, a cujo magistrado, pela nova Constituição, não foi, a princípio, concedido direito a residir em edifícios do Estado, nem sequer a servir-se de automóvel oficial. O preenchimento desse alto cargo coube, por eleição, à Assembleia Nacional Constituinte, que reuniu para o efeito em 24 de Agosto de 1911 (42), escolhendo a figura prestigiosa do Dr. Manuel de Arriaga (Manuel José de Arriaga Brum da Silveira), de origem fidalga, descendente de reis e cavaleiros cruzados (43). Pobre como era, residia numa casa modesta, no 2.º andar do n.º 35-F da Rua da Santíssima Trindade (44), tendo por isso que instalar-se em nova moradia, que foi o palácio do *Manteigueiro* (45). E assim, esse edifício, de aspecto e interiores con-



O salão de festas, no tempo do Dr. Manuel de Arriaga

(42) Também foram candidatos à presidência os Drs. Magalhães Lima, Bernardino Machado e Duarte Leite.

(43) O 1.º Ministério constituiu-se em 3 de Setembro de 1911 e foi presidido pelo Dr. João Chagas, dele fazendo parte o general Pimenta de Castro e o capitão Dr. Sidónio Pais.

(44) Passou a chamar-se Rua Garcia da Horta. O escritório de advogado era na Rua Nova do Almada, 53, 2.º Dto.

(45) Nessa época, tinha o número de polícia 39, como no tempo do Condeixa e n.º 47.

dignos, já tão rico de história, que acabara de servir de residência ao diplomata brasileiro José Pereira da Costa Mota, que entre nós representou o seu país de 1908 a 1911, passou a ser, nos primeiros tempos da República, o fulcro da política nacional, incerta e efervescente, como é próprio de regimes incipientes.

O Dr. Manuel de Arriaga, jurisconsulto distinto, tribuno de valor, era um poeta, um místico, um sonhador. As horas que a política lhe deixava vagas, applicava-as no carinho dos seus netos, no cultivo das flores, que ele muito apreciava, no jardim do palácio, que tinha uma linda galeria envidraçada, que servia de estufa.

E o novo Chefe do Estado, porque, como provou sobejamente em todos os seus actos, era um poeta, um místico, uma alma cândida e benfazeja, logo que se instalou na sua nova residência, quis inaugurá-la com a realização de actos que se ajustassem ao seu carácter e à sua sensibilidade. Convidou, primeiramente, para sua casa, os cegos, os inválidos, os velhos asilados, gesto a que o jornalista-panfletário, que era Rocha Martins, dedicou estas palavras:

«Foram esses delegados da dor, da amargura e da miséria, que encheram os lugares em volta da mesa a que o Presidente da República presidiu entre eles e à qual as gentis senhoras da sua família serviram.»

A seguir, os professores primários, os mais ignorados e abandonados funcionários públicos, foram chamados a sentar-se à mesa do Chefe do Estado, que teve a seu lado um desses beneméritos, já cego, que se chamou Lobo de Miranda.

E, por último, coube a vez aos pequeninos beneficiados das Cantinas Escolares, que usufruíram a satisfação de almoçar com o primeiro magistrado da Nação, que, não podendo olvidar-se da sua qualidade de avô amantíssimo, deve, por sua vez, ter sentido um grande prazer espiritual, vendo-se no convívio de tanta criança humilde, oriunda dos bairros mais pobres da capital. Às quintas-feiras recebia os seus íntimos familiares.

Rocha Martins, que nessa altura dedicou um artigo especial a «O Dia do Presidente» (46) dizia com a sinceridade que era seu apátnio, ao visitar a antiga moradia do *Manteigueiro*:

(46) *Ilustração Portuguesa*, n.º 306, de 8 de Janeiro de 1912. A reportagem está ilustrada com interessantes clichés, reproduzindo o próprio presidente, pessoas de sua família e as principais salas do palácio.

«A nota dominante daquela casa é a singeleza. Não há ali o tumultuar da criadagem nem o luxo bizarro dos milionários, não há essa sumptuosidade que enche os paços régios e serve para as pompas oficiais dum culto político. A antiga morada do grande elegante (*que foi Jerónimo Colaço*) aparece hoje como alguma coisa de tão simples, de tão singelo nas suas decorações como de afabilidade e gentileza são as maneiras por que os seus habitantes nos recebem. O Sr. Dr. Manuel de Arriaga conserva dos seus tempos de trabalhador os hábitos modestos; o antigo advogado, alçado à chefatura da nação, continua, naquele palácio, a sua vida calma e sem alardes de sempre.

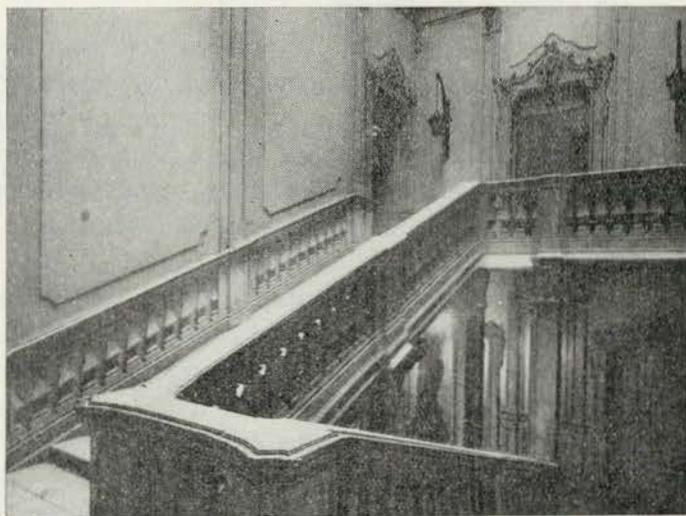
O seu dia começa bem cedo; também bem cedo o presidente da República se recolhe; a sua existência decorre entre os netos que ama e as flores que aprecia. Quase sempre estão alguns dos seus netinhos no palacete da rua da Horta Seca, pequenitos encantadores, todos de lindos olhos e carnes rosadas, brincando pela grande galeria onde os pombos melancólicos arrulham e as plantas de estufa reverdecem.

Quando são dez horas da noite, o Chefe do Estado vai para os seus aposentos e manhã muito cedo já anda tratando das suas plantas, cuidando-as, analisando as folhas, tratando com esmero as avencas formosíssimas que enchem a galeria onde Jerónimo Colaço narrava aos amigos, homens de letras e homens de prazer, as últimas aventuras do príncipe de Gales, a mais recente *boutade* de Rochefort e as cores da moda para as gravatas decretadas solenemente no *boulevard*.»

O 1.º Chefe do Estado que presidiu ao regime actual, depois das suas tarefas de jardineiro-amador, almoçava pelas 11 horas, para em seguida receber os altos funcionários ou as pessoas a quem concedera a audiência solicitada. À tarde gostava de dar um passeio pelos arredores, apreciando a beleza da paisagem. Pedrouços, Algés, Linda-a-Pastora, Linda-a-Velha, Carnaxide, Alferragide tinham um atractivo especial para o bondoso ancião, que amava a Natureza com todas as veras da sua alma. O Jardim da Estrela e o Jardim Zoológico constituíam uma atracção dominante. Fora dos cuidados da governação do país, as lindas e variegadas flores, a música clássica e os netinhos queridos, eram o fulcro máximo da sua admiração.

Assim decorria a vida particular do nosso primeiro presidente.

Mas, *noblesse oblige*. E esse paladino da República, ao menos uma vez, teve que quebrar a monotonia do seu viver simples e modesto, abrindo festivamente os grandes salões do palacete da Rua da Horta Seca, que se iluminaram a grandes jorros, na noite de 18 de Novembro de 1911, para a recepção ao povo de Lisboa, nas pessoas dos seus mais directos representantes, os vereadores da primeira Câmara do país, de formação republicana, eleita três anos antes e a que presidia Anselmo Braamcamp Freire (47). Ao banquete oficial, que era o primeiro do novo regime, seguiu-se uma concorrida recepção que, como é natural, decorreu cheia de interesse e entusiasmo, com a presença de



A escada nobre na actualidade

«gentilíssimas damas, a fina flor da burocracia». A festa, norteadá pelo desejo de homenagear a edilidade de Lisboa, «como preito de gratidão pelo exemplo admirável de administração que ela tem sabido dar ao país», teve igualmente a assistência dos representantes da Imprensa. À meia-noite franqueou-se a sala do bufete e a dança esteve animada até depois das 2 horas da madrugada.

(47) Esta alta individualidade (1849-1921), possuía grande riqueza e estava aparentado com os mais nobres. Foi par do Reino hereditário, moço-fidalgo da Casa Real, escritor, arqueólogo e genealogista, filho do 1.º barão de Almeirim e sobrinho de Anselmo José Braamcamp, que chefiou o partido progressista. Aderiu à República em 1907, após as declarações de El-Rei D. Carlos ao jornal *Le Temps*, sendo acompanhado nesse gesto pelo conselheiro Augusto José da Cunha.

A *Ilustração Portuguesa* (48) dedicou nessa altura uma página especial à nova residência oficial do primeiro Magistrado da Nação, reproduzindo fotografias das salas de visitas e de baile e da fachada do edifício, que então não ia além do 1.º andar e águas-furtadas.

O presidente Arriaga pouco tempo permaneceu nesta casa, porque lhe foi consentido, afinal, ocupar um anexo do Palácio de Belém, com entrada pela Calçada da Ajuda, para onde se transferiu em Junho de 1912, e esteve bastante enfermo em Agosto do ano seguinte, indo tempos depois convalescer para a Cidadela de Cascais. A sua morada, após a renúncia à suprema magistratura da Nação, em 26 de Maio de 1915, foi na Rua de S. Francisco de Paula (Presidente Arriaga), n.º 30, 1.º, onde faleceu a 5 de Março de 1917.

★

Com a morte do visconde de Condeixa, em 1871 (28 de Maio), o palácio ficou em nome da viscondessa, sua esposa, D. Maria Rita Ferreira dos Santos Magalhães, que o senhor D. Luís I elevou ao grau de condessa, por carta régia de 27 de Novembro de 1874. Passados três anos, o rico imóvel foi transmitido a D. Maria Ferreira das Neves, pertencendo em 1882 a João Ferreira Gonçalves, «negociante matriculado no Tribunal do Comércio de Lisboa», de cuja herança, em 1894, foi inventariante e cabeça do casal, sua viúva, D. Emília Romana de Vasconcelos Gonçalves; e, em 1908, por morte desta senhora, tornaram-se proprietários do solar da Horta Seca Arnaldo Machado Fernandes, sua esposa D. Adelaide Vasconcelos Barbosa Fernandes e outros.

É depois desta data, em 1920, por escritura de 5 de Novembro, lavrada nas notas do notário Tavares de Carvalho, que a Vacuum Oil Company, sociedade anónima de responsabilidade limitada, com sede em Nova Iorque, adquire esta propriedade onde estavam instalados os seus escritórios centrais, desde 1913.

Crê-se que a Vacuum Oil Company, sede de Paris, começou em 1899 a exercer a actividade em Portugal (49), colocando os seus produtos na mão de revendedores, o primeiro dos quais foi a firma V.^a Macieira & F.^{os}, parece que a partir de 1863. Mas foi a Colonial Oil Company, com sede em Nova Jérсия, que primeiro se estabeleceu em Portugal, montando o seu escritório, em 1901, na Rua Augusta, 69, 2.º, prédio que, tempos depois, foi adquirido pelo Crédit Franco-

(48) N.º 301, de 27 de Novembro de 1911.

(49) Escritório na Rua do Alecrim, n.º 22, e depósito na Rua Cascais, 10.

-Portugais, para alargamento das suas instalações; e, em 1905, já a clientela se encaminhava para uma parte do andar nobre do Palácio Foz, com entrada pelo n.º 30 da Praça dos Restauradores. Nas salas de que se compunha esse apartamento, esteve o *Ritz Club*, numa época em que esse género de diversão encobria um desenfreado jogo de *batota*; depois, o *Éden-Teatro* aproveitou-as para seu *foyer* e bufete, servindo também de saída de recurso, em caso de sinistro, para o que havia uma passarela a ligar os dois edifícios; e, por último, até à data em que todo o antigo imóvel do marquês da Foz passou a constituir património do Estado, as tais salas estiveram arrendadas ao *Sporting Club de Portugal* ⁽⁵⁰⁾.

Em 1908, propôs-se à Colonial uma transacção importante, da qual resultou a sua integração na Vacuum Oil Company, que logo se apressou a procurar melhores instalações, num 2.º andar do Largo do Chiado, com serventia pelo n.º 9 da Rua Nova da Trindade, que em velhos tempos se chamou do Secretário da Guerra ⁽⁵¹⁾. Também chegou a ocupar o 4.º andar.

E foi de tal casa que a Vacuum Oil Company, com o negócio em franco desenvolvimento, se mudou para o palácio do *Manteigueiro*, que tinha nessa altura o número de polícia 39. De então para cá, a antiga *Vacuum*, ainda hoje assim vulgarmente denominada, alterou por mais quatro vezes a sua firma: Socony-Vacuum Oil Company, Inc. (em 1941), Socony-Vacuum Portuguesa, S. A. R. L. (em 1952), Socony Mobil Oil Company, Inc. (em 28 de Abril de 1955) e Mobil Oil Portuguesa, S. A. R. L. (em 1 de Setembro de 1955).

Voltemos ao palácio do *Manteigueiro*, que já sabemos ser propriedade da Vacuum Oil Company, hoje Mobil Oil Portuguesa, e falemos das obras de ampliação que a mesma empresa mandou executar em 1925, porque a expansão dos serviços naturalmente o exigiu.

Tais obras tiveram como primeira fase a demolição completa das antigas águas-furtadas e com elas se foi o testemunho de um episódio histórico da época em que liberais e absolutistas se empenhavam em grande luta, facto esse que se deu após a vitória dos primeiros. Aí esteve escondido e coberto com velas de navios, aprestos marítimos pertencentes a João Fletcher, o miguelista João Paulo Cordeiro, de

⁽⁵⁰⁾ Na escada estava estabelecida uma bem conhecida engraxadoria, que era a de melhor apresentação da Baixa.

⁽⁵¹⁾ Da razão do nome que se deu a esta serventia pública e mais história da família do Secretário da Guerra, João Pereira da Cunha Ferraz, dá Matos Sequeira desenvolvida notícia (*O Carmo e a Trindade*, vol. 2.º, págs. 15 e segs.).

quem já nos ocupámos, e de lá saiu, protegido por aquele súbdito de S. M. Britânica, com o disfarce de barbas postiças e a farda de um oficial inglês. Sempre acompanhado por seus leais amigos, Paulo Cordeiro tomou o caminho do Cais de José António Pereira, à Junqueira, embarcando a bordo de um navio aliado.

Nas mesmas águas-furtadas montou o inglês um sistema engenhoso que lhe permitia interceptar os despachos telegráficos destinados ao governo do senhor D. Miguel, servindo-se de um telegrafista que estava em permanente comunicação com outro, postado nos altos do prédio de João Trigueiros, na Rua do Moinho de Vento. E, desta forma, João Fletcher conhecia, primeiro do que todos, a marcha dos acontecimentos, o que intrigava imenso João Paulo Cordeiro e os seus partidários, que nunca conheceram a artimanha, que muito útil foi à causa do senhor D. Pedro IV ⁽⁵²⁾.

Essas antigas águas-furtadas tinham quatro janelas para a Rua da Horta Seca, três do lado da Rua da Emenda e a fachada posterior apresentava características diferentes, de um bom 2.º andar, de pé-direito, com nove janelas abertas. São da primitiva as varandas a toda a volta da caixa da escadaria nobre, que está coberta pelo bonito lanternim que enumerámos ao princípio.

Na nova construção houve o propósito de respeitar a linha arquitectónica do edifício, tanto no interior como exteriormente. Nas paredes empregou-se tijolo, com argamassa de cimento e areia, às janelas de sacada do 2.º andar, deram-se grades e guarnições iguais às do andar nobre, e, ao último piso, também de pé-direito, correspondem janelas de peito, com ornatos simples, e estes feitos de betão armado, pintados com tinta especial, a imitar calcário, como se fez com as novas guarnições do 2.º andar. O beirado antigo foi substituído por platibanda.

Estes trabalhos foram dirigidos pelo engenheiro-chefe da Vacuum, o visconde de Assentiz, que tinha como auxiliar e responsável, pela execução das obras, o engenheiro Teófilo de Sousa Leal de Faria.

Do lado poente, um anexo de alvenaria, a que foram dadas as condições necessárias para acomodar alguns serviços, substituiu em 1923 a antiga galeria-estufa, onde o Presidente Arriaga se esquecia a contemplar as suas preciosas avencas. E já a Companhia pretendeu, em 1938, renovar essa construção com dois andares, condizentes com a parte central, o que não foi autorizado pelos serviços municipais, com o fundamento de que essa realização alterava a arquitectura geral.

⁽⁵²⁾ *Apontamentos da vida de um homem obscuro*, pág. 253; *Lisboa de outros tempos*, vol. 1.º, pág. 184.

Além da escadaria nobre, toda de pedra, que vai só ao 1.º andar, uma outra, de macacaúba, partindo da sobreloja, conduz até ao mirante. Tudo, porém, se pode fazer com maior comodidade, utilizando o ascensor eléctrico, montado em 1953.

A antiga sala de jantar, onde reúne periòdicamente o Conselho de Administração da Vacuum, é o gabinete de trabalho do seu presidente. E, a que foi sala de baile, está dividida em compartimentos, mas os tabiques não atingem o tecto, não bulindo assim com os ornatos do tempo da *Assembleia Lisbonense*.

O jardim, para o qual se desce por duplas escadas de pedra, está a cargo de um profissional que a Vacuum tem ao serviço, e mantém-se bem cuidado e com aspecto acolhedor. Não é de todo indiferente essa mancha verdejante, aos homens que passam grande parte da sua vida numa casa de trabalho, como é a deste palácio setecentista, que ainda não dá mostras da sua longevidade. Na antiga cozinha, de abóbada forrada de azulejos policromos, são as instalações sanitárias. A velha coqueira, com entrada pela Rua da Emenda, que podia ufanar-se das belas carruagens de Jerónimo Colaço que aí se acolhiam, serve actualmente de casa de arrecadação e já foi loja de venda ao público de candeeiros, fogareiros de pressão, lanternas, bocais e torcidas, no tempo em que a electricidade não tinha atingido tão grande expansão. Para esse negócio foi aproveitada antes a loja n.º 17 da Rua da Horta Seca, e em tempos mais distantes, igual comércio se exercia na Rua do Alecrim, n.º 95. Corresponde esta casa a uma loja do palácio situado à esquina do Largo do Barão do Quintela, onde esteve a *Assembleia Estrangeira*, que já tivemos ocasião de nomear.

Na frontaria principal, ladeando o portão, continuam a ver-se em saliência, dois candeeiros de bronze, iguais a outros mais, cuja existência ainda se respeita em alguns dos palácios da velha aristocracia.

Ao findar a apresentação dos quadros e figuras que encheram de vida o palácio do *Manteigueiro*, revejo todos os factos ocorridos e sinto-me dominado pelos vultos aqui enumerados, que se me apresentam envoltos numa luz, de mediana transparência. Enfileira à cabeça o semítico ricaço, formando montanhas de oiro e a dar balanço ao que gastara na construção do seu velho solar dos sítios do Loreto; a seguir, curvado numa vénia, mostra-se o aristocrático Condeixa, elegante, cortês, parecendo querer atravessar-nos com o olhar, através do seu monóculo, que nele era tão natural e distinto; ao lado, João Fletcher, o inglês que se tornou prestável aos «malhados» e protector dos «corcundas», alto, vertical, a preparar-se para contar aos amigos que o rodeiam, a última anedota que o Chiado ainda não ouvira; junto do

fleumático Anglo-Saxão, o seu íntimo, o munificente conde de Farrobo, como mecenas que era, despejando o oiro da sua larga cornucópia; distante, numa atitude de simpática austeridade, e ouvido por uma densa multidão entusiasta, está o primeiro Chefe do Estado republicano, a incitar os portugueses no caminho do amor e da fraternidade humanas; e, em plano secundário, numa amálgama de vultos e sombras, mal se divisam muitos dos que frequentaram assiduamente os luxuosos salões da Rua da Horta Seca, e que, na recordação das sumptuosas festas da *Assembleia Lisbonense*, contemplam, absortos, a heterogénea assistência à primeira festa da República, caracterizadamente democrática e orientada por um novo sentido protocolar. Estranha legião essa, numa representação de castas e políticas desiguais, em que gravitam nobres, burgueses e plebeus; ministros de Estado, deputados e pares do Reino; juizes, conselheiros, tribunos e homens do povo; capitalistas e banqueiros, intelectuais e ignorantes, num flagrante embate das consciências bem formadas com os malquerentes e os biltres. Multiformes nos trajos, cores dos atavios e exotismo de suas cabeleiras, mostram-se altivos uns, curvam-se outros em salamaleques, irradiando simpatia ou mostrando autoritarismo, arrogância, desprezo; recordando, quem sabe, momentos de prazer, apetites não satisfeitos, despeitos, paixões, sentimentos feridos, amores, adultérios, deslealdades, traições, subterfúgios, atropelos, vinganças. E, pairando acima de todos, uns poucos, de alma em paz, a rezar pelos que ainda não haviam merecido a misericórdia divina.

Os espectros foram-se, guiados por um espírito angelical, todo humildade e amor e batido em cheio por uma luz resplandecente. E nós, que ultrapassámos há muito a barreira que deve limitar este género de tortura humana, completamente desconhecida dos povos incultos, pomos o ponto final nesta história, que logo na abertura prevenimos seria múltipla, inconstante e agitada.

NOTAS À MARGEM

Quando do leilão dos móveis da *Assembleia Lisbonense*, publicou o *Diário do Governo*, n.ºs 172 a 174, de 24 a 26 de Julho de 1851, o seguinte anúncio:

«*Leilão para liquidar – Rua da Horta Seca –
Assembleia Lisbonense*»

Por intervenção do Corretor do número Guimarães – Domingo 27 do corrente, e dias seguintes, às dez horas da manhã: consta de sofás, cadeiras, espelhos, lustres, alcatifas, serpentinas, mesas de jogo, estantes para livros, cortinas, «consoles», otomanas, fogões, candeeiros, tabuinhas, bambinelas, toucadores, lavatórios, louça, vidros, pratos, mesa de jantar, aparadores, urnas, escrevaninha, cabides figuras de gesso, relógio, secretária, plantas em vasos, uma grande porção de jornais, e outros muitos objectos, que estarão patentes no acto do leilão.»

★

A sociedade V.^a Macieira & F.^{os}, indicada como possível primeira vendedora de petróleo em Lisboa, só em 1904 deixou de figurar entre os negociantes de tal produto, de cuja lista, em 1900, faziam igualmente parte: A. Rivière (Rua de S. Paulo, 9), Lima Mayer & C.^a (Rua Bela da Rainha, 59, 1.º), Miranda & Silva (Rua dos Bacalhoeiros, 128-130) e Pedro Araújo & C.^a (Rua dos Bacalhoeiros, 58).

Aquela firma, fundada em 1851, continua estabelecida em Lisboa, na Rua da Madalena, n.ºs 12 e 18, 1.º e é sucessora de José Gonçalves Macieira & C.^a, casa comercial a que, no início, esteve ligado o opulento negociante Henrique Gonçalves Macieira (1830-1888), visconde e conde de Macieira, que desfrutou de grande prestígio no meio bancário e no alto comércio. Foi director do Banco Lusitano, administrador da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses e director das mais importantes empresas comerciais e industriais. Morava na Rua Nova dos Mártires, 30, 2.º (Luís Pastor de Macedo reuniu elementos muito preciosos, relacionados com a numerosa família Macieira – *Tempos que passaram*, págs. 143 e segs.).



A fachada do edificio como actualmente se apresenta

A iluminação a petróleo, que a burguesia e as classes pobres começaram a usar nos meados do século XIX, e a invenção dos motores de explosão e dos carros automóveis, no final do mesmo século, abriram um largo campo à indústria do petróleo, agora com larguíssimas perspectivas, uma vez considerado o incremento que está tomando o automobilismo no mundo inteiro, os progressos da aviação e os poderosos gastos das forças motorizadas militares, que carecem duma excessiva acumulação de reservas, precavendo-se para uma nova fatalidade mundial.

Ontem como hoje, o petróleo e seus derivados são transportados em navios-tanques ou navios-petroleiros, sistema que data de 1866, e já se fala agora em supertanques. Pôs-se logo o problema da construção, perto dos cais marítimos dos países importadores, de grandes depósitos para armazenagem das importantes cargas, cabendo entre nós essa primazia à Colonial Oil Company, que situou tais depósitos e oficinas próprias, junto à doca de Santo Amaro. Foram sucessivas as ampliações, constituindo uma série de reservatórios-monstros, que se mantiveram no mesmo local, até que, em Julho do ano pretérito, por indicação de quem de direito, foram substituídos por outros, em Cabo Ruivo, fazendo parte de um conjunto de óptimas instalações da mesma espécie. Mas não serão desmanchados esses antigos reservatórios, porque se entendeu, nas altas esferas governamentais, não prescindir deles, por agora.

Depois da última guerra, tem-se verificado a tendência para instalar as refinarias junto das áreas de consumo, de preferência a ficarem perto dos pontos de produção, e, assim, os novos supertanques servirão igualmente para o transporte de ramas, que têm presentemente um aumento de movimentação.

Precisamente em 1938, ano em que se verificou uma subida vertiginosa do consumo mundial de produtos petrolíferos, estabeleceu-se em Lisboa (Cabo Ruivo), em terrenos adquiridos à Administração-Geral do Porto de Lisboa e Câmara Municipal de Lisboa, a primeira refinaria de petróleos em bruto, que, conforme escritura de 28 de Julho, adoptou a designação de Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal (Sacor), que agora elevou o seu capital para 500.000 contos. Do tratamento das ramas, derivam a gasolina, o petróleo, o gasóleo e outros óleos combustíveis e de lubrificação, e tem especial aplicação o chamado «Gás-Cidla», que resolve com grande comodidade problemas domésticos e de comércio, em agregados que ficam para além da rede de distribuição do chamado gás de iluminação, a cargo das Companhias Reunidas Gás e Electricidade.

É de acentuar a categoria internacional desta destilaria, que possui um tanque de reservatórios com a capacidade de 200.000 m³, estando a trabalhar-se para atingir um duplo volume. E vale como precioso colaborador, neste sector da vida económica nacional, a Sociedade Portuguesa de Navios Tanques, Lda. (Soponata), com a sua importante frota mercante. Criada em 13 de Junho de 1947, com o capital de noventa mil contos, subscritos por cinco companhias petroleiras e três sociedades de navegação, possui actualmente oito navios-petroleiros, com a capacidade para 102.796 toneladas de carburantes, e estão mais supertanques em construção, no país e estrangeiro.

A «Sacor» pode já considerar-se instituição nacional. Popularizou-se com a sua exuberante chaminé, que se descortina de grandes distâncias, expele grandes labaredas e exala cheiros que, em certos dias, se propagam pela cidade, com grande incómodo dos seus habitantes. Lembra outros tempos, em que, em menores proporções, duas zonas da cidade, estavam familiarizadas com o rastro do chamusco dos cevados, no Matadouro da Cruz do Taboado, e da fumarada da queima das notas, no Banco de Portugal.

A distribuição de gasolina, em Lisboa e província, fez-se primeiro em caixas e tambores de ferro e daquelas se transferia a essência para o depósito do automóvel, com o auxílio do clássico funil. Tempos depois, a venda a granel e o abastecimento por grosso, começaram a fazer-se por meio de carros-tanques e vagões-cisternas, e foi então que, para a venda a retalho, se criaram uns pequenos carros, equipados com bombas manuais, usando-se o sistema rotineiro das medidas de folha. As bombas abastecedoras fixas, de processo manual, que passaram a haver nas principais garagens de Lisboa, só a partir de 1923 apareceram na via pública, a primeira na Avenida da Liberdade, junto da antiga Garagem Panhard-Palace, com entrada pelo n.º 87 e representada por Ricardo O'Neill. O mapa de estradas, mais antigo que se conhece, é o «Mapa para o Automobilismo», editado pela Colonial Oil Company, em 1902, na escala de 1:1.000.000.

O petróleo encontrava-se nas carvoarias ou adquiria-se à porta, aos vendedores ambulantes, que o transportavam às costas, em pesadas bilhas de folha, quando tais mourejadores não tinham posses para endossar esse carregó a qualquer macho ou pachorrento burrico. Assim percorriam a cidade, e como o puro óleo de azeitona também fazia parte do negócio, atroavam os ares com o seu tradicional pregão: «Pitroline! Azeite doce!»

O homem do *pitroline* era um elemento indispensável à vida de Lisboa. As bilhas, de feitio especial, amoldavam-se às costas, às quais se prendiam por meio de correia, passada a tiracolo ou sobre o ombro

esquerdo, e dividiam-se em duas partes, uma para o azeite e outra para o petróleo. Suspenso por outra correia, também o vendilhão transportava um pequeno barril com o vinagre, segurando na mão direita uma outra lata, de bico comprido, com uma pequena reserva de petróleo, para onde escorriam os restos que ficavam no fundo das medidas, que se acondicionavam sob a tampa. Do lado de fora ficava dependurado o funil. A indumentária, talhada em tecido de ganga, constava de casaco curto e calças justas, com uma espécie de grevas. Completavam o conjunto, barrete preto e botas ferradas.

O progresso trouxe a simplicidade, que introduziu neste sector um cómodo e rápido meio de abastecimento, de que quase não nos apercebemos. O petróleo, em Lisboa, utiliza-se principalmente no aquecimento e vende-se nas carvoarias e em todas as drogarias; quanto a gasolina, topa-se a cada passo com a providencial bomba, inteiramente automática, accionada elèctricamente, que hoje se apresenta no máximo da perfeição, marcando a quantidade desejada e o seu custo. E as estações de serviço também são à bicha... Duma forma prática essa maravilha resolve — quantas vezes! — casos muito sérios, que mais avultam entre os automobilistas pouco cautelosos, quando verificam, triste e melancòlicamente, que o seu carro não anda, porque o depósito da gasolina está limpinho...

Fica melhor aqui, em vez de intercalada no texto, esta divagação sobre uma causa de alto valor internacional, que constitui hoje a atenção de todos os Estados e serve de pomo a grandes lutas e ambições. Até já motivou um esboço de conflito armado, como desforço de uma afronta entre nações, e que a desgraçada época em que vivemos, consentiu que ficasse impune.

★

A venda de fogões, candieiros e outros artigos de iluminação, por conta da *Vacuum*, também se efectuou no antigo «stand» de automóveis da firma Rugeroni & Rugeroni, na Praça de D. Pedro IV, n.ºs 66 a 68, que reservava para exposição as montras n.ºs 1 e 2 do Largo de D. João da Câmara. Esse estabelecimento foi trespassado àquela Companhia em 1927, que por sua vez o passou à Companhia dos Telefones, que em 1932 aí inaugurou uma sala de cabinas públicas.

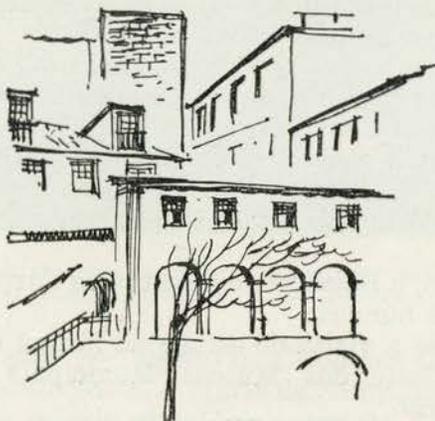
★

A feição cultural, desportiva e social da *Vacuum* está definida num simpático organismo, o *Mobil Clube*, S. C. R. L., e o seu porta-voz é a *Gazeta Mobil Clube*. O primeiro lançou as suas bases em 11 de Julho de 1939 e possui salas de jogos, bar, biblioteca, cantina e refri-

tório; e o interessante mensário, fundado em Abril de 1946, com uma tiragem de 1350 exemplares, é dirigido actualmente por um distinto empregado da Casa Mãe, o senhor José Martinho de Campos. São duas realizações que muito honram o organismo que lhes dá o nome e que põem em foco a tèmpera do pessoal que dedicadamente lhe presta a melhor colaboração. Vivem em comunidade a casa de recreio e a revista literária, em um prédio contíguo ao palácio, na Rua das Chagas, n.º 20, e que ocupam todo o rés-do-chão e o lado direito da sobreloja.

O *Mobil Clube*, S. C. R. L., só assim se classifica desde 10 de Abril de 1956, visto que na origem se chamou *Vacuum Clube*, tendo-se transformado em 1 de Julho de 1946 em S. C. R. L. E, a *Gazeta Mobil Clube*, alterou em Julho-Agosto de 1956 a sua primitiva denominação, que era *Gazeta Vacuum Clube*.

São notáveis os empreendimentos já realizados pelo *Mobil Clube*, não só sob o aspecto desportivo, como cultural, destacando-se seis concertos musicais promovidos em 1957, na Casa da Imprensa, de colaboração com a *Pró-Arte*, e em que tomaram parte apreciados artistas. É de enaltecer a estreiteza de relações, sempre demonstrada, entre patrões e empregados, e digno da maior apreciação e elogios, o princípio adoptado pelo Conselho de Administração da antiga *Vacuum*, na distribuição periódica de benesses e galardões, por todo o pessoal em serviço activo.



ACTIVIDADE CULTURAL

no Trimestre Passado

A actividade cultural no trimestre passado iniciou-se em 11 de Janeiro com a exposição de documentos de seguro emitidos em Lisboa no final do século XVIII e princípios do século XIX. A exposição continha numerosas apólices de seguro e outros documentos afins da colecção do nosso consócio Sr. Dr. Luciano Ribeiro, dos quais os mais antigos se referem respectivamente a um seguro marítimo de 1796, da Companhia de Seguros União, e um seguro de incêndio de 1802, do segurador Barros, Rossi, Freire, Dias & C.^a de um prédio na Praça de S. João Nepomuceno, em Lisboa. O Sr. Doutor Eduardo Neves expôs também uma apólice de seguro de incêndio de 1798 referente a dois prédios na Rua Augusta e Rua Nova dos Correiros, no valor de oito contos de réis.

Mário Costa expôs um número especial do *Jornal de Seguros* reproduzindo a apólice colectiva das Companhias seguradoras para a casa de Camilo Castelo Branco em S. Miguel de Seide. No dia 24 o nosso consócio Sr. Dr. Luciano Ribeiro pronunciou uma conferência sobre o mesmo assunto e sobre a fundação da Casa de Seguros no século XVIII, que teve larga e selecta assistência.

A 23, em segunda convocação, reuniu a Assembleia Geral Ordinária para a eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1958/61 e aprovar o Relatório Anual da Junta Directiva e o Parecer da Comissão de Contas.

Estes Relatórios, o Balancete e a Lista dos Corpos Gerentes eleitos, são publicados neste número.

A 26, realizou-se a visita de estudo ao Museu da Cidade, dirigida pelo Conservador-Chefe dos Museus Municipais a nossa consócia Sr.^a D. Julieta Ferrão.

A visita reuniu para cima de trezentas pessoas e foi muito apreciada, sobretudo pelas eruditas elucidações da directora da visita.

A 30, realizou-se a 19.^a sessão de *Colóquios Olisiponenses* em que tomaram parte os consócios Srs. Alfredo Ferreira do Nascimento, que falou sobre *Timóteo Mota Amigos de Lisboa*, Eduardo Portugal, que

se referiu à *Tília do Loreto*, que em 1890 ainda era uma árvore jovem, e o Sr. Mário Costa que se referiu a *Uma diversão pelos antigos Paços Reais*.

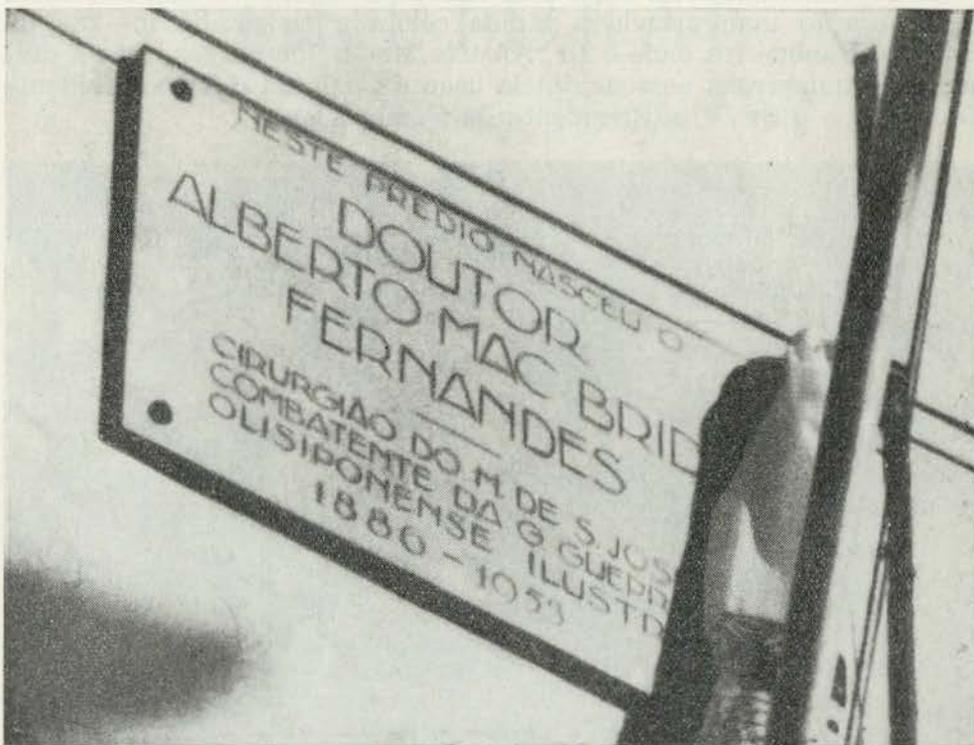
Em Fevereiro, no dia 2, em colaboração com a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, realizou-se uma cerimónia a que presidiu o Sr. Vice-Presidente da Câmara Municipal de Lisboa secretariado pelos representantes da Liga e do Grupo e alguns vereadores. Esta comemoração inaugurando a lápida colocada no prédio n.º 286 da Rua dos Fanqueiros onde o Dr. Alberto Mac-Bride nasceu, teve a presença de numerosas pessoas e nela usou da palavra o Vice-Presidente do Grupo e o Sr. Vice-Presidente da Câmara.



O Sr. Vice-Presidente da Câmara Municipal, falando na cerimónia do descerramento da lápida que assinala o prédio onde nasceu o Sr. Dr. Alberto Mac-Bride Fernandes

A 27, realizou-se a 20.ª sessão de *Colóquios Olisiponenses* em que tomaram parte os consócios Srs. Mário de Sampaio Ribeiro e D. Julieta Ferrão. O primeiro referiu-se a *Uma inscrição sepulcral do fundador da Ermida de Nossa Senhora da Oliveira de Lisboa*, Pedro Esteves. Esta comunicação será publicada no próximo número de OLISIPO. A segunda sob o título *Descobertas... e Conquistas* referindo-se e projectando em fotografia a cores as modernas construções e arranjos urbanísticos da cidade.

Em Março as nossas actividades culturais começaram com a visita de estudo realizada em 9, às novas instalações da *Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda*, na Calçada da Tapada, visita que foi orientada pelo seu director Sr. Dr. Calvet de Magalhães. Esta visita reuniu numerosas pessoas que muito apreciaram as instalações e a interessante alocação do orientador da visita.



A lápida colocada no prédio n.º 286 da Rua dos Fanqueiros

A 20, realizou-se a 21.^a sessão de *Colóquios Olisiponenses* em que o consócio Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento apresentou uma fotografia dum quadro de azulejo pintado por Júlio de Castilho em 1899 e oriundo da Quinta de Vitória em Sacavém, e o Sr. Mário Sande Freire falou sobre *Lisboa, 3*, nova divisão postal da cidade.

A 28, a seguir ao acto de posse dos novos Corpos Directivos, em que usaram da palavra vários dos empossados, realizou-se uma conferência pelo Sr. Mário Costa, em que dissertou e comentou uma exposição que nessa altura foi inaugurada a propósito de «Uma quermesse de caridade na Real Tapada da Ajuda». A exposição que reuniu numerosas espécies, bíblias e iconográficas, medalhas e outros documentos, teve larga concorrência, tendo o orador referido e focado, especialmente, a acção benemerente da Rainha D. Maria Pia.

RELATÓRIO da JUNTA DIRECTIVA

Ex.^{mos} Consócios:

É este ano o último do triénio para que fomos eleitos, é portanto, este não só o Relatório da actividade do ano de 1957, como também o balanço geral da nossa actividade.

Vão V. Ex.^{as} proceder à eleição dos Corpos Gerentes para novo triénio; oxalá V. Ex.^{as} elejam consócios com maior competência, o que não será difícil, mas com tão boa vontade, como nós, o que nos permitimos duvidar, porquanto no triénio ora terminado, como, aliás, nos anos antecedentes, para alguns, pusemos toda a nossa boa vontade ao serviço do Grupo onde V. Ex.^{as} nos deram a honra de nos colocar em posição directiva.

| | | |
|-----------------------------------|-------|--------|
| No início de 1957 existiam | 1.296 | sócios |
| Faleceram durante o ano | 20 | |
| Foram demitidos | 89 | 109 |
| | | 1.187 |
| Foram admitidos | 61 | |
| Readmitidos | 13 | 74 |
| | | 1.261 |

Os sócios falecidos foram os seguintes:

| | |
|--|---|
| N.º 154 - João Pereira da Silva | N.º 1.236 - João de Almeida Pinto |
| » 183 - António Ribeiro da Silva e Sousa | » 1.258 - Valentim de Carvalho |
| » 258 - Arq. Porfírio Pardal Monteiro | » 1.382 - José da Conceição Ramos |
| » 288 - Luís Guedes da Silva | » 1.518 - Manuel Ladislau de Mesquita |
| » 416 - José António Pereira | » 1.864 - Jaime Augusto de Moraes |
| » 446 - Dr. Jaime Moreira de Carvalho | » 2.105 - Carlos Ferreira |
| » 905 - Maria da Purificação Canas e Silva | » 2.420 - Artur José Bernardes |
| » 990 - Eng. Júlio A. Serzedelo d'Almeida | » 2.454 - Maria das Dores Costa Ornelas |
| » 1.046 - Dr. Francisco Lage | » 2.752 - Eng. Carlos Freire de Andrade |
| » 1.070 - Bernardino Alves Correia | » 2.833 - Douglas S. Bucknall |

Todos nos merecem particular referência de sentimento pela sua falta na ajuda a manter este edifício que, a despeito dos seus 22 anos, está ainda jovem mercê do entusiasmo de todos. Há porém, entre todos, alguns que merecem referência especial, como, por exemplo, António Ribeiro da Silva e Sousa, o dedicado confrade auxiliar de todas as horas, que, sucessivamente serviu em vários cargos dos nossos Corpos Directivos, particularmente na Junta Directiva, de que se afastou devido à pertinaz doença que o veio a vitimar. Entre os restantes falecidos permitimo-nos destacar o sócio n.º 154, João Pereira da Silva, o mais antigo dos falecidos este ano, que a despeito da sua propecta idade, nos acompanhava sempre nas nossas actividades, e o sócio n.º 258 arq. Porfírio Pardal Monteiro membro da nossa Secção de Estudos de Estética e Urbanização.

EXERCÍCIO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1957

| CONTAS | BALANÇO | |
|---|-------------|-------------|
| | Activo | Passivo |
| Caixa | 749\$90 | |
| Devedores e Credores | 17.024\$90 | 22.159\$80 |
| Edições | 15.503\$40 | |
| Consignações c/ Alheia | 71.133\$77 | |
| Devedores e Credores c/ Consignações | 5.064\$00 | 67.142\$86 |
| Consignações de c/ Própria | | 5.120\$00 |
| Biblioteca | 4.331\$05 | |
| Emblemas | 132\$00 | |
| Fundo Variável | | 5.169\$94 |
| Móveis e Utensílios | 15.846\$50 | |
| Consignatários da Feira do Livro | | 103\$50 |
| Resultados deste exercício | | 30.089\$42 |
| | 129.785\$52 | 129.785\$52 |

Segundo os livros que V. Ex.^{as} examinaram e estão presentes verifica-se o resultado positivo da nossa actividade financeira no valor de Esc. 30.089\$42.

Foram de 289 os officios expedidos pela Secretaria e entre as aquisições de vários objectos de pequeno mobiliário (bandeiras, estrado, etc.) há a registar a aquisição dum busto de Camões de gesso.

Como ofertas recebemos do sócio n.º 607 Sr. Carlos César dos Santos Gonçalves 62 miniaturas de chapéus regionais portugueses, colecção de alto interesse que brevemente será exposta. Além desta oferta há a registar a de fotografias e gravuras olisiponenses feitas pela Sr.^a D. Berta Borges e Mário Costa.

A nossa actividade foi a seguinte:

| | |
|--------------------------------|----|
| Visitas de estudo | 13 |
| Conferências na sede | 6 |
| Exposições | 5 |
| Colóquios Olisiponenses | 7 |
| Audição musical | 1 |

Referiremos uma das visitas de estudo que se realizou a Elvas e Vila Viçosa com o patrocínio sempre amável da Fundação da Casa de Bragança e outra à Rinchoa com a colaboração da Câmara Municipal de Sintra.

Entre toda a colaboração recebida permitimo-nos destacar a dos estabelecimentos visitados sobretudo a dos Srs. cônegos Manuel Luís, na visita ao Tesouro da nossa Sé, e José Amaro Teixeira na visita ao Seminário dos Olivais.

Três visitas permitiram mostrar à população de Lisboa três das maiores realizações recentes que Lisboa usufrui, a Central Leiteira, o Metropolitano e o novo material do Batalhão de Sapadores Bombeiros. Na primeira fomos recebidos pelos técnicos camarários em que avultam os nomes dos Drs. Almeida d'Eça e Sales Gomes; na segunda, fomos recebidos pessoalmente pelos Srs. Engs. D. Francisco de Melo e Castro e Magalhães Lobato, respectivamente presidente do Conselho de Administração e Director-Geral das Obras do Metropolitano de Lisboa, e, na última, trouxemos à nossa sede o Comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros a fazer uma conferência preliminar que antecedeu a visita, feita no dia imediato, sob a direcção do seu 2.º Comandante Sr. Major Cansado.

Esta visita deu origem à entrada para sócio do Grupo do Capitão-de-Mar-e-Guerra Sr. João Carlos Costa, filho do heróico Bombeiro Olisiponense Bernardino Costa, nesta data o nosso sócio mais moderno e certamente o mais antigo em idade.

Das exposições, todas com o seu a-propósito, permitimo-nos destacar a de Trajos e Atavios de Outrora que mereceu ser filmada para documentário que foi exibido nos cinemas; a da Comemoração do «Archivo Pitoresco», e a dos «Almanaques Lisboetas» que reuniu cerca de 500 exemplares e que foi originada pela oferta de 78 exemplares, pela Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Tavira, e oriundos da colecção do Prof. Dr. Silva Carvalho, e que teve como consequência a oferta de quase um cento de exemplares feita pelos expositores Srs. Drs. Carvalho Pedrogão, Eduardo Neves, Matos Sequeira e José Bento Guerreiro.

A propósito da visita da Rainha de Inglaterra a Lisboa o Grupo associou-se às manifestações, tendo embandeirado e iluminado a sua fachada e conseguiu a cedência dum talhão na Avenida da Liberdade, onde os nossos sócios puderam assistir ao desfile do cortejo real e onde pudemos alojar, como convidadas, as Alunas do Asilo de Santa Catarina.

O nosso Boletim continuou a publicar-se regularmente.

É escusado encarecer o concurso prestado pela digna Comissão de Contas e pela Secção de Movimento Cultural e Propaganda. Foi convocada a Secção de Estudos de Estética e Urbanização a propósito da remodelação da Avenida da Liberdade de que resultou um Relatório à Junta Directiva que, sobre ele, elaborou a representação que veio publicada no n.º 80 de OLISIPO e dirigida à Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa.

O pessoal cumpriu como de costume.

Propomos que sejam aprovados os seguintes votos:

- a) Sentimento pelos sócios falecidos, particularmente por aqueles que deram a sua colaboração aos nossos Corpos Directivos.
- b) Agradecimento aos nossos colaboradores nas visitas de estudo, Conferências, Colóquios, Exposições e outras realizações efectuadas no ano findo.

- c) Agradecimento à Ex.^{ma} Comissão de Contas e às Secções de Movimento Cultural e Propaganda e de Estudos de Estética e Urbanização.
- d) Agradecimento à Imprensa, à Emissora Nacional e outras Emissoras de radiodifusão pela sua sempre solícita e obsequiosa colaboração.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1957.

A JUNTA DIRECTIVA

VICE-PRESIDENTE

Gustavo de Matos Sequeira

SECRETÁRIO-GERAL E RELATOR

Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves

SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO

Dr. Alberto Gomes

TESOUREIRO

Hugo Raposo

VOGAIS

Coronel José Pereira Coelho

Prof. Doutor Joaquim Moreira Fontes

Prof. Doutor Raul de Carvalho

Prof. Doutor António Monteiro da Costa

PARECER
da
COMISSÃO DE CONTAS

Ex.^{mos} Consócios:

Em conformidade com o estabelecido nos nossos Estatutos — Art. 41.º e sua alínea *b*) — temos a honra de vos apresentar o parecer desta Comissão sobre as Contas de Gerência e o Relatório da Junta Directiva com referência ao ano de 1957.

E porque acompanhámos assiduamente a acção da Junta Directiva em todas as suas actividades, pudemos verificar a dedicação e inteligência com que a mesma sempre soube conduzir os negócios a seu cargo pelo que, com muito prazer, vos propomos que aproveis o Relatório e as Contas que vos são apresentados.

E solicitamo-vos ainda que aproveis os seguintes votos de louvor:

- à Junta Directiva pela sua inteligente actuação.
- à Secção de Movimentos Cultural e Propaganda pela eficiente cooperação prestada à Junta Directiva.

Lisboa, 14 de Janeiro de 1958.

A BEM DE LISBOA

Dr. José Leitão de Barros
Presidente

Higino Nunes da Silva
Secretário

José Francisco de Oliveira
Relator

Novos Corpos Gerentes
eleitos na Assembleia Geral de
23 de Janeiro último
para o triénio de 1958 - 1961

JUNTA DIRECTIVA

Efectivos

| | |
|---------------------------------|--|
| <i>Presidente</i> | Gustavo de Matos Sequeira |
| <i>Vice-Presidente</i> | Prof. Doutor Joaquim Moreira Fontes |
| <i>Secretário Geral</i> | Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves |
| <i>Secretário Geral Adjunto</i> | Doutor Alberto Gomes |
| <i>Tesoureiro</i> | Hugo Raposo |
| | Coronel José Sardinha Pereira Coelho |
| <i>Vogais</i> | Doutor Eugénio Mac-Bride Fernandes |
| | Prof. Doutor Raúl de Carvalho |
| | Prof. Doutor António Monteiro da Costa |

Substitutos

| | |
|---------------------------------|--------------------------------------|
| <i>Presidente</i> | Marquês de Rio Maior |
| <i>Vice-Presidente</i> | Marquês de Abrantes |
| <i>Secretário Geral</i> | Dr. Luciano José de Oliveira Ribeiro |
| <i>Secretário Geral Adjunto</i> | Mário da Conceição Costa |
| <i>Tesoureiro</i> | João de Sousa Lara |
| | Acúrcio Pereira |
| <i>Vogais</i> | Dr. Joaquim Paço d'Arcos |
| | Dr. Manuel Vicente Moreira |
| | Alfredo Ferreira do Nascimento |

ASSEMBLEIA GERAL

| | |
|------------------------|--------------------------------------|
| <i>Presidente</i> | Prof. Doutor Fernando Freitas Simões |
| <i>Vice-Presidente</i> | Eng. Ricardo E. Teixeira Duarte |
| <i>1.º Secretário</i> | Teodoro Lopes Ramos |
| <i>2.º Secretário</i> | Joaquim Pascoal Rodrigues |

COMISSÃO DE CONTAS

Efectivos

| | |
|-------------------|----------------------------|
| <i>Presidente</i> | Dr. José Leitão de Barros |
| <i>Secretário</i> | Higino Nunes da Silva |
| <i>Relator</i> | José Francisco de Oliveira |

Substitutos

| | |
|-------------------|-------------------------------------|
| <i>Presidente</i> | Francisco de Assis Oliveira Martins |
| <i>Secretário</i> | Eng. Diogo Sobral |
| <i>Relator</i> | Luís Moita |

SECÇÃO DE ESTUDOS HISTÓRICOS E DEFESA DO PATRIMÓNIO OLISIPONENSE

Gustavo de Matos Sequeira
Eng. João dos Santos Simões
Dr. Durval Pires de Lima
Dr. Jaime Lopes Dias
Dr. João Couto
Mário de Sampayo Ribeiro
Visconde de Santarém

SECÇÃO DE ESTUDOS ECONÓMICOS E SOCIAIS

Hugo Raposo
Eng. Araújo Correia
Ermete Pires
Dr. José Sabino Pereira
Dr. Luciano José de Oliveira Ribeiro
Dr. José Henrique de Azeredo Perdigão
Dr. Roberto Sarmiento

SECÇÃO DE ESTUDOS DE ESTÉTICA E URBANIZAÇÃO

Prof. Doutor Joaquim Moreira Fontes
Eng. António Emídio Abrantes
Prof. Armando de Lucena
Eng. D. Francisco de Mendia
Jaime Martins Barata
Eng. Diogo Sobral
Eng. Ricardo E. Teixeira Duarte

SECÇÃO DE MOVIMENTO CULTURAL E PROPAGANDA

Doutor Eduardo Neves
Alfredo Ferreira do Nascimento
Hugo Raposo
Eduardo Portugal
José Francisco de Oliveira
Dr. José Leitão de Barros
Mário da Conceição Costa

LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS
À VENDA NA SEDE



VÁRIA

PREÇOS

| | Sócios | Público |
|--|--------|---------|
| Noite de evocação do Leão de Ouro | 13\$50 | 15\$00 |
| Urbanização de Lisboa | 4\$50 | 5\$00 |
| A Cor de Lisboa | 13\$50 | 15\$00 |
| Olisipos (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34, e 43) ... cada, dos que existem, | 18\$00 | 20\$00 |
| Evocação do Café-Restaurante Tavares | 4\$00 | 5\$00 |
| Jantar de Confraternização na Casa do Leão | 4\$00 | 5\$00 |

A. VIEIRA DA SILVA

| | | |
|--|--------|--------|
| O Castelo de S. Jorge | 13\$50 | 15\$00 |
| A Ponte de Alcântara | 13\$50 | 15\$00 |
| Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa | 13\$50 | 15\$00 |
| Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa | 13\$50 | 15\$00 |

DR. ALFREDO DA CUNHA

| | | |
|--|--------|--------|
| Olisipo berço do periodismo português | 13\$50 | 15\$00 |
|--|--------|--------|

ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

| | | |
|--|--------|--------|
| Algumas achegas para a História da Defesa de Lisboa | 13\$50 | 15\$00 |
| Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos | 13\$50 | 15\$00 |
| O Quartel de Campolide | 13\$50 | 15\$00 |
| O Quartel do Regimento do Conde de Lippe | 13\$50 | 15\$00 |

DR. ANTÓNIO QUADROS FERRO

| | | |
|---------------------------|-------|-------|
| O Enigma de Lisboa | 7\$00 | 7\$50 |
|---------------------------|-------|-------|

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

| | | |
|--|--------|--------|
| A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão | 13\$50 | 15\$00 |
| O Campo de Santa Clara | 13\$50 | 15\$00 |
| Ronda e Silva de Lisboa Velha | 9\$00 | 10\$00 |
| Bagatelas de tempo vário | 9\$00 | 10\$00 |

AUGUSTO CASIMIRO

| | | |
|------------------------|--------|--------|
| Lisboa Mourisca | 18\$00 | 20\$00 |
|------------------------|--------|--------|

DR. EDUARDO NEVES

| | | |
|---|--------|--------|
| Homenagem a Matos Sequeira... .. | 13\$50 | 15\$00 |
| Um Arcebispo-Primaz natural de Lisboa | 13\$50 | 15\$00 |
| João Alberto Pereira de Azevedo Neves | 13\$50 | 15\$00 |
| Um desenho a pena da autoria de Júlio Castilho | 13\$50 | 15\$00 |

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

| | | |
|--------------------------------|--------|--------|
| A Irmandade de S. Lucas | 13\$50 | 15\$00 |
|--------------------------------|--------|--------|

P.^E FRANCISCO LEITE FARIA

| | | |
|--|--------|--------|
| Lisboa e S. Lourenço de Brindes | 13\$50 | 15\$00 |
| Alvorço na Lisboa setecentista | 13\$50 | 15\$00 |

FERREIRA DE ANDRADE

| | | |
|---|---------|---------|
| Relação das casas foreiras... .. | 22\$50 | 25\$00 |
| O Senado da Câmara e a Guerra Civil | 27\$00 | 30\$00 |
| Três Touradas no Terreiro do Paço | 13\$50 | 15\$00 |
| Palácios Reais de Lisboa | 45\$00 | 50\$00 |
| Guia do Orlisipo n.ºs 1 a 11 cada | 7\$50 | 8\$00 |
| » » » n.ºs 12 a 20 cada | 9\$00 | 10\$00 |
| Visite Lisboa, 4.ª ed. | 63\$00 | 70\$00 |
| Vinte e cinco anos na vida duma capital | 54\$00 | 60\$00 |
| Portugal País de Turismo, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º vols. cada | 135\$00 | 150\$00 |
| Lisboa das sete colinas | 36\$00 | 40\$00 |
| Lisboa vista em 5 dias | 13\$50 | 15\$00 |

DR. GILBERTO MONTEIRO

| | | |
|--|--------|--------|
| Esboço histórico do Hospital de Belém | 18\$00 | 20\$00 |
| D. Gilberto | 13\$50 | 15\$00 |

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

| | | |
|-------------------------|--------|--------|
| Auto de S. João | 9\$00 | 10\$00 |
| Lisboa (Comédia) | 18\$00 | 20\$00 |

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

| | | |
|-----------------------------------|--------|--------|
| Vultos e sombras medievais | 45\$00 | 50\$00 |
|-----------------------------------|--------|--------|

HUGO RAPOSO

| | | |
|---|-------|--------|
| Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ... | 9\$00 | 10\$00 |
|---|-------|--------|

JOÃO MONTEIRO

| | | |
|---------------------------|--------|--------|
| Estrada de Sacavém | 27\$00 | 30\$00 |
|---------------------------|--------|--------|

JOAQUIM ROQUE DA FONSECA

| | | |
|--------------------------------|--------|--------|
| A Urbanização de Lisboa | 13\$50 | 15\$00 |
|--------------------------------|--------|--------|

LUIS MOITA

O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses 7\$00 7\$50

LUIZ PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina 6\$70 7\$50
A Rua das Canastras 7\$20 8\$00
Críticas, Correções e aditamentos à «Lisboa de ontem e de hoje»
do Sr. Paulo Freire 9\$00 10\$00
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da
Freguesia da Sé 9\$00 10\$00
Ascendentes de Camilo 13\$50 15\$00

LUÍS TEIXEIRA

O «Diário de Notícias» e o Século XIX 4\$50 5\$00

LUÍS TRINDADE

Janelas de Alfama 18\$00 20\$00

DR. MANUEL VICENTE MOREIRA

O Problema da Habitação 27\$00 30\$00

MÁRIO COSTA

Da Rua Nova à Rua dos Capelistas 18\$00 20\$00
Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com
Carlos II de Inglaterra 9\$00 10\$00
Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da
Escola Politécnica 13\$50 15\$00
O Sítio de Santo Amaro 18\$00 20\$00

MÁRIO SAMPAIO RIBEIRO

A Igreja e o Convento da Graça 13\$50 15\$00
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St.ª Maria de Belém 45\$00 50\$00

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia a S. Vicente... .. 9\$00 10\$00

RUY DE ANDRADE

Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas
da edificação citadina 9\$00 10\$00

DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Olisiponense... .. 45\$00 50\$00

TINOP

Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols... .. cada 13\$50 15\$00

... SEGURA
CONTRA O RISCO
DE INCENDIO NA



COMPANHIA
DE SEGUROS

R. GARRETT, 56 LISBOA

IMPÉRIO

A
LEGAL & GENERAL

agradece aos
«AMIGOS DE LISBOA»
a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contratos de seguros

Capital e Reservas :

220 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE :

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA

**Casa
Maciel,
Lda.**

CASA FUNDADA EM 1810

Premiado nas expo-
sições de Rio de
Janeiro 1922, Bar-
celona 1929, e In-
dústria Portuguesa

FABRICANTE DE
LANTERNAS
em todos os estilos

Sortido completo em louças, folha de
Flandres, ferro esmaltado, alumínio,
Porcelanas, vidros e artigos de ménage *

Tel. 2 24 51

63, Rua da Misericórdia, 65 — LISBOA





SANTA CASA
DA
MISERICÓRDIA DE LISBOA



L O T A R I A
E X T R A C Ç Õ E S
S E M A N A I S

PRÉMIOS MAIORES

1 0 0 0 C O N T O S

1 0 0 C O N T O S

5 0 C O N T O S

Os lucros líquidos revertem para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e demais instituições de assistência pública, nos termos da legislação em vigor

Companhia de Diamantes de ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00



Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo



Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Vice-Presidente

Com. Álvaro Morna

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

Mr. Firmin Van Brée



DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

Eng. Gijsbert Paz Andringa

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Sílvio Guimarães

PAPELARIA CARLOS

Rua do Ouro, 34, 38
Telef. 2 02 44
Teleg. PAPELCAR
LISBOA

CARLOS FERREIRA, LDA.

Especialidade em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Grande sortido de artigos para
DESENHO E ESCRITÓRIO

CASA AFRICANA

PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS

ON PARLE
FRANÇAIS

ENGLISH
SPOKEN

Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Rua Augusta, 161 - Telef. 2 42 64 - 65 P. B. X.
LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO

Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

OURO, PRATA E JOIAS BARATÍSSIMAS

Grande sortido de objectos de ouro em 2.^a mão só pelo peso

VENDE
a Antiga Ourivesaria

MIGUEL A. FRAGA, L.^{DA}

Pavilhão dos Ourives - Largo Martim Moniz, Loja 18 - Tel. 8642 03 - LISBOA

Casa Batalha

FUNDADA EM 1635

Companhia Nacional de Navegação

*A MAIS ANTIGA EMPRESA ARMADORA
PORTUGUESA NAS CARREIRAS DE ÁFRICA*

Sede: Rua do Comércio, 85 — LISBOA — Telefones 2 30 21 e 2 30 26
Sucursal: R. Infante D. Henrique, 73 — PORTO — Telefones 2 24 38 e 2 24 39

Serviço rápido de carga e passageiros para a África
Occidental e África Oriental, Índia, Macau e Timor

FROTA

| Navios de passageiros | | Navios de carga | | Rebocadores |
|-----------------------|--------|------------------------|--------|--------------------|
| | D. W. | | D. W. | |
| Moçambique | 9.423 | Sofala | 12.145 | Aveiro |
| Angola | 9.550 | Moçâmedes | 9.120 | Douro 1.º |
| Niassa | 10.000 | Rovuma | 9.120 | Beira |
| Quanza | 6.230 | S. Tomé | 9.050 | Cuio |
| Zambézia | 1.857 | Nacala | 3.370 | Lanchas em serviço |
| Lúrio | 1.857 | Tágus | 1.630 | Lucala |
| Índia | 7.000 | Chinde (em const.) ... | — | A |
| Timor | 7.000 | Angoche (em const.) — | — | C |
| Save | 1.330 | | | D |
| 1 Pacote (em const.) | 20.000 | | | E |
| | | | | F |

33 batelões em serviço

L I V R A R I A
P O R T U G A L

Rua do Carmo, 70

L I S B O A

Telefone P.P.C. 3 05 82, 3 05 83 e 2 82 20

● *LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS*

Serviço rápido de encomendas

Informações Bibliográficas

Dirijam os seus pedidos à

P O R T U G A L
Rua do Carmo, 70 — Lisboa

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

Plantações e Fábricas de Açúcar em

LUABO

e

MARROMEU

PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE

Lisboa desportiva

LISBOA GINÁSIO CLUBE

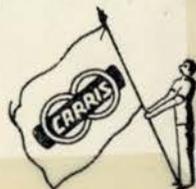
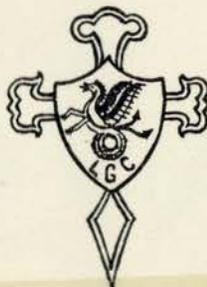
11

FUNDADO em 4 de Novembro de 1918, o «Lisboa Ginásio Clube» depressa se transformou num alfofre de atletas.

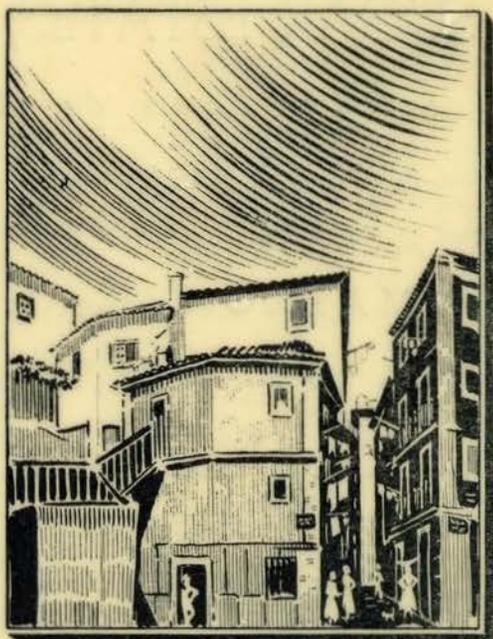
A modesta cave da rua Maria, onde se instalara a primeira sede, depressa se mostrou acanhada demais. Dois anos depois, porém, já o «Lisboa Ginásio» ocupava o edifício do antigo Teatro Borracho, para daí a mais algum tempo, num crescente de valorização, ser forçado a ampliar estas instalações, com o aluguer do edifício anexo que dá para a rua dos Anjos. Deve-se ao «Lisboa Ginásio» a introdução entre nós da ginástica rítmica para senhoras; cabendo-lhe também importante parcela no desenvolvimento e propagação da ginástica educativa feminina.

Dos sucessivos contactos com os melhores ginastas mundiais, nunca o «Lisboa Ginásio» saiu desprestigiado; e a comprová-lo estão dezenas de saraus realizados no Coliseu dos Recreios. Também em Florença, em Roterdão e Espanha, os atletas do «Lisboa Ginásio» alcançaram posições de relevo — prestigiando o nome de Portugal. Sempre admiravelmente orientado, orgulha-se ainda o clube da sua famosa «classe maravilha» que tanto deu que falar.

Cerca de 1.400 atletas, praticando, além da Ginástica Voleibol, Basquetebol, Atletismo, Badminton, Luta, Box, Pesos e Alteres, Tiro ao Arco, Esgrima e Jogo do Pau, mantém presentemente o «Lisboa Ginásio Clube» em constante actividade, não permitindo as suas instalações que este número possa ser aumentado. Todavia, atendendo à importante dívida que o Desporto Português contraiu para com esta grande colectividade, o «Lisboa Ginásio» espera ver as suas instalações valorizadas e aumentadas dentro de pouco tempo, com a edificação de uma nova sede erguida no mesmo local onde presentemente se encontra instalado.



NA LISBOA
DE ONTEM



E

NA LISBOA
DE HOJE



COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,
CONTRA A TOSSE:

BENZO-DIACOL